

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Micheli Vergínia Ghiggi

**Liga de Veteranos do Rio Grande: formas de lazer e
singularidades futebolísticas**

Pelotas, 2012.

Micheli Vergínia Ghiggi

O futebol na Liga de Veteranos do Rio Grande: disputas e singularidades que marcaram o campeonato de 2010

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física – Memória, Cultura e Sociedade.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo

Co-Orientadora: Dra. Méri Rosane Santos da Silva

Pelotas, 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Dra Elizara Carolina Marin: _____

Dr. Marco Paulo Stigger: _____

Dra. Méri Rosane Santos da Silva: _____

Dr. Sílvio Ricardo da Silva: _____

“Por si mesmo, o processo de pensar jamais se materializa em objetos. Sempre que o trabalhador intelectual deseja manifestar seus pensamentos tem que usar as mãos como qualquer outro trabalhador.”

Hannah Arendt

AGRADECIMENTOS

Á Liga de Veteranos do Rio Grande, por todo apoio e acolhimento durante esses dois anos de convivência. Essa pesquisa foi realizada sobre, com e para vocês!

Ao meu orientador, Dr. Luiz Carlos Rigo, por compartilhar parte do seu conhecimento.

Á minha co-orientadora Dra. Méri Rosane Santos da Silva, pelas horas dedicadas ao nosso trabalho, pelo apoio na conquista pela vaga no doutorado e por acolher-me nos momentos de dúvidas, incertezas e inseguranças (que não foram poucos), orientando-me, sobretudo, para a vida.

Ao meu noivo, Giovanni Trucolo, pela paciência e pela dedicação que teve nesse processo formativo. Por estar ao meu lado sempre, principalmente nesse período de inúmeras transformações que estamos vivenciando. Te amo!

Ao meu pai, Renato Alfredo Ghiggi, que eu amo tanto, a base da minha estrutura e quem sempre me dá forças para continuar.

A minha mãe, Maria Helena Fornari Ghiggi (in memoriam), que continua fazendo parte da história da minha vida. Que conviveu intensamente, e educou-me, parece que adivinhando que partiria tão cedo.

Ás minhas irmãs, Renata e Maiara (extensivo aos cunhados), que mesmo distantes souberam se fazer presentes nesse período difícil de afastamento. Amo vocês!

A minha afiliada, Helena, que eu amo tanto e tenho muito orgulho. Gostaria de poder cuidá-la novamente como quando era pequenina e oferecer-lhe um universo protegido e cheio de tudo que mais gostas.

A bibi, minha avó querida, que mesmo sem entender bem porque eu ainda não parei de estudar e porque ainda não comecei a trabalhar, rezou por mim todos os dias, pedindo para que eu alcançasse aquilo que eu desejei e não algo que ela ou alguém desejasse por mim.

Aos amigos, Billy, Raquel, Leila, Gustavo, Damico, dona Sol, Méri, Dani, Valmor, seu Jorge, colegas da especialização, do GESEF, do “grupo da Méri”, alunos do curso de Educação Física da FURG, Chris e colegas de mestrado.

As famílias que me adotaram em Rio Grande e Porto Alegre: Elione e Marilice, Verinha e Oscar.

Ao Hector, Lepetchuco, Pinto, Torilho...que consegue alegrar a casa e a minha vida, com todas essas personalidades!

RESUMO

Neste trabalho, tratamos do futebol sob sua forma menos espetacularizada, que é praticada, prioritariamente, como lazer. Embora este seja jogado por uma grande parte da população, principalmente no Brasil, não possui a mesma visibilidade midiática do profissional. O foco de análise foi o futebol de veteranos, através do campeonato organizado pela Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG) no ano de 2010, em sua 15ª edição. Nossos objetivos foram: compreender as formas de organização e funcionamento da Liga; descrever e analisar acontecimentos futebolísticos do campeonato de 2010 e estudar as práticas que constituem esse futebol de veteranos dentro e fora de campo. Isso, através de uma metodologia inspirada tanto na etnografia como na história oral, composta por 43 diários de campo, 460 imagens, documentos oficiais (atas, estatutos, regulamentos) e notícias do único jornal diário da cidade, o Jornal Agora. Além disso, realizamos duas entrevistas e a coleta de um depoimento oral, bem como o registro de anotações das conversas informais com os integrantes da Liga. Observamos que os participantes se apropriam desse futebol com diferentes objetivos, os quais lhes exigem dedicação mesmo fora daquele espaço-tempo formal dos jogos promovidos pela Liga de Veteranos. Identificamos a LVRG enquanto ambiente de lazer que propicia o encontro de seus integrantes em diferentes ocasiões, promovendo sociabilidades. Constatamos, ainda, que essa Liga apresentou algumas singularidades futebolísticas, principalmente na distribuição de funções específicas, como a de treinador, e na valorização da organização e da disciplina futebolística.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Futebol de veteranos, Liga de Veteranos do Rio Grande.

RESUMEN

En este trabajo tratamos del fútbol en su forma menos espectacularizada, la que es practicada de forma prioritaria en el ocio. Aunque este sea practicado por una gran parte de la población, principalmente en el Brasil, no posee la misma visibilidad de los medios de comunicación y de los profesionales. El foco de análisis fue el fútbol de los veteranos, por medio del campeonato organizado por la Liga de veteranos do Rio Grande (LVRG) en el año de 2010, en su 15ª edición. Nuestros objetivos fueron: comprender las formas de organización y funcionamiento de la Liga; describir y analizar los eventos futbolísticos del campeonato de 2010, además de estudiar las prácticas que constituyen ese fútbol de veteranos adentro y afuera de campo. Esto utilizándonos de una metodología inspirada tanto en la etnografía como en la historia oral, compuesta por 43 diarios de campo, 460 imágenes, documentos oficiales (actas, estatutos, reglamentos) y noticias del único periódico diario de la ciudad, el Jornal Agora. Además de eso, realizamos dos entrevistas y la captación de un testimonio oral, bien como el registro de anotaciones de las charlas informales con los integrantes de la Liga. Observamos que los participantes se apropian del fútbol con distintos objetivos, a los cuales les exigen dedicación hasta afuera de aquel espacio-tiempo formal de los juegos promovidos por la Liga de Veteranos. Identificamos a la LVRG mientras sea ambiente de ocio promueve el encuentro de sus integrantes en distintas ocasiones, propiciando sociabilidades. Constatamos, aún, que esa Liga presentó algunas singularidades futbolísticas, principalmente en la distribución de funciones específicas, como a del entrenador, y en la valoración de la organización y de la disciplina futbolística.

PALABRAS-CLAVE: Ocio, Fútbol de veteranos, Liga de Veteranos do Rio Grande.

ABSTRACT

In this work we treat football not as a spectacle form, but as leisure. Although this is played by a large population, mainly in Brazil, does not have the same visibility of the professional football in the media. The focus of analysis was the veterans' football, through the championship organized by the *Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG)* in the year 2010 in its 15th edition. Our objectives were: to understand the organization and functioning of the League, describe and analyze football's events championship in 2010 and study the practices that constitute this veterans' football on and off the field. This, through a methodology inspired both ethnography and oral history, composed of 43 field diaries, 460 images, official documents (acts, statutes, regulations) and news of the city's only daily newspaper, the Journal *Agora*. In addition, we conducted two interviews and the collection of oral testimony and the record notes of informal conversations with members of the League. We observed that participants take ownership of football with different goals, which they require dedication that even outside space-time formal games promoted by the *Liga de Veteranos*. We identified the LVRG while leisure environment that promotes the meeting of its members on different occasions, promoting sociability. We also had noted that this league presented some singularities in their football, particularly in the distribution of specific functions, such as coaching, and promote the organization and discipline football.

KEYWORDS: Leisure, Veterans' Football, Veterans League of Rio Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Brasão da LVRG	34
Figura 2:	Porta de acesso a sala da LVRG.....	36
Figura 3:	Noite de terça-feira na sede da LVRG.....	37
Figura 4:	Fichas dos jogadores atuantes, durante a partida.....	39
Figura 5:	Comemoração do título do campeonato de 2010.....	42
Figura 6:	Participantes do campeonato máster, analisando probabilidades.....	45
Figura 7:	Coordenador dos árbitros auxiliando no preenchimento da súmula.....	47
Figura 8:	Jogador do Zodíaco se lamentando por terem perdido um gol.....	54
Figura 9:	Festa de encerramento e entrega das premiações do campeonato de 2011 da LVRG.....	55
Figura 10:	Discurso de defesa com auxílio de gestos e desenhos.....	57
Figura 11:	Esquema sobre a seriedade e o divertimento na LVRG.....	60
Figura 12:	Os “treinadores” no campo do Arraial.....	68
Figura 13:	Os “treinadores” no estádio Colosso do Trevo.....	69
Figura 14:	Os “treinadores” na Praça Saraiva.....	69
Figura 15:	Noite de julgamento na sede da LVRG.....	74

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
2.1 ENTRELACANDO ELEMENTOS DA ETNOGRAFIA E DA HISTÓRIA ORAL	20
2.2 INVESTIGANDO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA	22
3. OS VETERANOS E O SEU FUTEBOL	26
3.1 SOBRE LAZER E O FUTEBOL DE VETERANOS... ..	28
4. A LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE (LVRG): A CRIAÇÃO E A FORMAÇÃO ATUAL	32
4.1 A LIGA DE VETERANOS EM 2010	37
4.2 O CAMPEONATO DE 2010: VETERANOS-40 E MÁSTER-50	41
4.3 A LVRG: O SUPORTE ORGANIZATIVO PARA A COMPETIÇÃO	44
5. O LAZER E AS CONDIÇÕES DE SOCIABILIDADE	50
5.1 O JOGO, AS FESTAS E OS JULGAMENTOS	52
5.2 AS DISPUTAS ENTRE O DIVERTIDO E O SÉRIO	59
5.3 ATIVIDADES E ENCONTROS EXTRA-CAMPO	62
6. SINGULARIDADES FUTEBOLÍSTICAS NO CAMPEONATO DE VETERANOS 2010	65
6.1 TREINADORES OU “ENTREGADORES DE CAMISETA”?	66
6.2 DISCIPLINA: JUGALMENTOS E PUNIÇÕES.	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
8. REFERÊNCIAS.....	82
9. APÊNDICES	87
10.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA: PRESIDENTE DA LIGA DE VETERANOS.....	88
10.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA – TREINADOR	90

10.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA – PRESIDENTE DE CLUBE.....	92
10. ANEXOS.....	94
8.1 FICHA DE INSCRIÇÃO DO CLUBE.....	95
8.2 FICHA DE INSCRIÇÃO DA EQUIPE.....	96
8.3 FICHA DE FILIAÇÃO DO ATLETA (FICHA ÚNICA).....	97
8.4 FICHA INDIVIDUAL DOS DADOS DO ATLETA (frente e verso)	98
8.5 MAPA DA RELAÇÃO DOS CARTÕES AMARELOS E VERMELHOS	99
8.6 PAUTA DE CONVOCAÇÃO DOS PROCESSOS PARA JULGAMENTO (EXEMPLO).....	100
8.7 CARNÊ DE DISTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NAS DIFERENTES FASES (EXEMPLO)	101
8.8 TABELAS DE CLASSIFICAÇÃO (EXEMPLO)	102
8.9 FOLDER DE DIVULGAÇÃO DA MODALIDADE “FUTEBOL <i>FITNESS</i> ”	103

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A temática escolhida para esta dissertação surgiu de algumas inquietações e curiosidades advindas do trabalho de conclusão de curso da graduação. Naquela oportunidade, investiguei as formas de lazer e sociabilidade de uma comunidade rural de etnia italiana em uma pequena cidade da serra gaúcha¹. No período em que estive em contato com esse grupo observei que a prática do futebol, assim como a da bocha e dos jogos de cartas, eram extremamente significativas para aquela comunidade e para o município de modo geral.

Especialmente o futebol, prática de sociabilidade que não possuía relação direta com a italianidade do grupo, aguçou em mim alguns questionamentos, principalmente em relação ao envolvimento da população com o campeonato municipal. Um município que na época tinha uma população de 2.484 habitantes², em uma extensão territorial de aproximadamente 103km², possuía 11 campos e mais de 11 equipes de futebol.

Para Giulianotti (2010), não há outra forma de cultura popular tão arrebatadora quanto o futebol. Possivelmente, em parte, pela simplicidade do jogo e pela praticidade estrutural, mas certamente não apenas por isso. A prática do futebol foi apreendida e reconstruída por diferentes culturas, produzindo significados próprios em cada uma delas. Segundo o autor, isso ainda parece não ter sido o suficiente para atrair a atenção dos acadêmicos, incentivando-os a contribuir com a “compreensão dos estilos de jogo e técnicas de futebol (p.166).”

Anterior a isso, Dunning (1992) já alertava sobre o desmerecimento dos esportes como tema relevante de pesquisas acadêmicas. Segundo esse autor, o esporte moderno continuava a ser tratado com pouca significância diante de assuntos considerados mais importantes como a economia e a política. A partir do século XXI esse quadro parece ter se alterado um pouco. Mas, no caso do futebol moderno, geralmente, a atenção maior é destinada ao futebol profissional, como os estudos que tratam dos grandes clubes brasileiros ou estrangeiros, as seleções nacionais, sobre torcedores e torcidas organizadas, os jogadores

¹ Nova Pádua, Rio Grande do Sul, Brasil. O trabalho de conclusão de curso (TCC) está disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/24170>>.

² Segundo dados do IBGE de 2007.

profissionais, os principais campeonatos nacionais ou ainda sobre os megaeventos futebolísticos como as Copas do Mundo, Copas continentais etc.³.

Na área das ciências humanas e sociais, incluindo o campo de estudos nessa área em educação física, no Brasil, cada vez mais o assunto vem sendo tratado em estudos, principalmente a partir de 1980. Para Silva (2009)⁴, foi o período em que a sociedade brasileira passava por um processo de redemocratização, o que propiciou o surgimento de outras linhas epistemológicas na nossa produção científica.

Sem questionar a relevância desses estudos que priorizam o futebol moderno, que possui uma maior visibilidade midiática, nesse estudo, trataremos de sua forma menos espetacularizada e praticada, prioritariamente, como lazer. Embora, essa última, esteja diretamente vinculada a uma grande parte da população, principalmente em países como o Brasil, não possui a mesma visibilidade midiática da profissional. A existência do futebol de várzea ou comunitário tende a ser ignorada pelos grandes veículos midiáticos e pelo poder público, que algumas vezes chegam a tratá-lo com desprezo (DAMO, 2005).

Santos (1999) trata, em seu estudo, sobre a possibilidade de um enfraquecimento do futebol de várzea no espaço urbano contemporâneo, principalmente através de uma aparente diminuição dos campos de várzea. Porém, outros autores apontam para uma perspectiva diferente. Os estudos de Aducci (1999) e Rigo (2010) nos mostram que em São Paulo e Pelotas (RS), respectivamente, o futebol de várzea está longe de acabar, porém, concordam que ele se modificou/modifica. Os campos de várzea que originalmente eram formados na beira dos rios e, por isso, “campos de várzea”⁵, hoje, se estabelecem em outros locais, possivelmente, naqueles menos valorizados pelo mercado imobiliário. Contudo, os campos da várzea não deixaram de existir, mesmo que já não estejam mais às margens dos rios e já não sejam apenas campos de terra batida (ADAUTO, 1999).

Ainda sobre a existência do futebol de várzea, Hirata (2006) acredita que seja a forma mais antiga de organização popular na cidade de São Paulo, persistindo em existir a aproximadamente um século. Para o autor, é visível a qualquer observador que o futebol ainda é muito praticado, principalmente aos finais de semana em muitos campos, ainda de terra, em

³ RIAL, 2003/2008; GASTALDO, 2000/2005/2006/2009; DAMO, 2003/2006/2007; TOLEDO, 2002.

⁴ Em 2009 foi realizado um levantamento da produção acadêmica sobre futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007, coordenado pelo professor Dr. Sílvio Ricardo da Silva. O estudo teve como objetivo reunir teses, dissertações, periódicos, anais e livros que tratam do conhecimento relativo ao futebol, contribuindo com o trabalho de pesquisadores, estudantes, gestores públicos e outros interessados nessa temática.

⁵ [Dic.] Terreno plano na margem de rio; Bras. Fut. Campo de futebol situado em terreno baldio, usado pelas comunidades locais e por jogadores amadores (AULETE DIGITAL).

diferentes regiões da cidade. Em contrapartida, sua análise demonstrou que em uma das regiões investigadas “os campos desaparecem sob a lógica devastadora do mercado imobiliário” e que havia comentários recorrentes entre seus interlocutores de que naquela região “os campos estariam sumindo”, aproximando-se das reflexões produzidas por Santos (2007), que procura compreender a representação sobre o desaparecimento dos campos de várzea no imaginário popular, a partir da memória compartilhada de um determinado grupo social.

Essa possível diminuição dos terrenos destinados ao futebol por conta de projetos imobiliários atinge, sobretudo, aos grupos sociais menos influentes, que cada vez mais perdem espaços, principalmente, de lazer. As instalações esportivas em expansão na sociedade contemporânea são as de propriedade pública ou privada, onde se comercializa o tempo e o espaço, que é pago por grupos de jogadores, clubes ou ligas organizadas (GIULIANOTTI, 2010). Essas transformações no contexto social podem influenciar na construção do estilo de vida dos indivíduos. “A prática do esporte aparece como mais uma entre outras maneiras de expressar um determinado estilo de vida, que está, assim, relacionado com as escolhas que as pessoas e os grupos podem fazer dentro de um universo sempre limitado de escolhas possíveis (STIGGER, 2002, p. 213).”

Na cidade do Rio Grande (RS), por exemplo, local em que foi realizada essa pesquisa, no ano de 2010, o campeonato amador de “novos” da Campanha⁶ foi disputado entre dezesseis equipes⁷ e o campeonato amador de Veteranos entre dezenove⁸, sendo que em

⁶ A notícia divulgada no site da Prefeitura Municipal do Rio Grande demonstra parte do envolvimento dos moradores locais com a competição: “Em uma tarde de calor intenso neste domingo, 29, o Campeonato Amador da Campanha teve a final da competição em seus primeiros e segundos quadros no estádio Marinheirão na Ilha dos Marinheiros. O público se fez presente em grande número, com três comunidades sendo representadas na grande decisão. Moradores da Ilha da Torotama, Povo Novo e da própria Ilha dos Marinheiros fizeram uma grande festa, além da presença de visitantes que se deslocaram do continente para assistirem, não só um bom jogo de futebol, mas também o ressurgimento de um amador forte e competitivo (Prefeitura Municipal do Rio Grande, 30 nov. 2009).”

⁷ Miami, Quinta, Marinha, Sociedade Esportiva Recreativa Lambari, Terezinha, Raça, Camponez, Flor do Pago, Nacional, Esperança, Santo Antônio, Barulho, Libertador, Fiaterci, Novo Avante e Juventude. Fonte: Blog Oficial do Fiaterci Futebol Clube < <http://fiatercifc.blogspot.com/2010/05/campeonato-de-futebol-amador-2010.html>> Acessado em: 18 out 2011.

⁸ Na categoria Veteranos: (1) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (2) Associação Esportiva Santa Bárbara Futebol Clube, (3) Associação Futebol Clube Mirim, (4) Cassino Futebol Clube, (5) Esporte Clube Santo Antônio, (6) Grêmio Esportivo Nacional, (7) Palmeira Futebol Clube, (8) Real Nortense Futebol Clube, (9) Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, (10) Sociedade Recreativa e Esportiva Camponêz, (11) União Esportiva Vilarreal e (12) União Esportiva Vilarreal B. Na categoria Máster: (1) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (2) Cassino Futebol Clube, (3) Clube Atlético Saveiros, (4) Clube Olímpico Raça, (5) Confraria da Bola, (6) Quinta Futebol Clube e (7) E. S. Vim pra Ficar.

2011 as duas competições tiveram vinte clubes inscritos cada uma,⁹ o que reforça a tese da permanência do futebol de várzea como uma significativa manifestação popular na contemporaneidade. Rigo (2010) salienta que o futebol de várzea continua a ser uma das principais opções de lazer, principalmente para as classes mais populares, tanto em grandes metrópoles como nas pequenas e médias cidades e também no meio rural.¹⁰

Nosso foco central de análise nesse estudo foi o futebol de veteranos. Para isso, aproximamo-nos, das características elaboradas por Damo (2005), referentes à matriz *comunitária*, pois o autor trata, nesta rubrica, dos futebóis de várzea, amador e veterano. Podemos ainda, considerá-lo enquanto um componente da categoria rural, e de lazer, já que geralmente é praticado nesses tempos-espacos.

Encontramos aporte empírico/teórico, trabalhando com Damo (2005), quando ele identifica que: “O circuito comunitário não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas as fronteiras não são, de qualquer modo, tão porosas quanto nas configurações bricoladas (p.15).” Essa afirmação, de certa forma, nos conduz a pensar em uma aproximação de algumas características do futebol comunitário com o espetacularizado.

Apresentando brevemente, o estudo teve como delimitação o campeonato de veteranos do município de Rio Grande, cidade mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, fundada em 1737, com altitude próxima ao nível do mar, localizada entre o Oceano Atlântico e a Laguna dos Patos, possui um grande complexo portuário, sua maior influência econômica. A população do município, segundo censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 192.582 habitantes, em uma dimensão territorial de 2.813,91 km². Um dos bairros desse município é o balneário Cassino, do qual faz parte a praia do Cassino¹¹. Desde a sua criação o balneário Cassino é considerado um espaço de lazer,

⁹ Campeonato amador de novos da Campanha: 1º quadro (principal) e 2º quadro – Fiateci, Santo Antônio, Libertador, Juventude, Nacional, Barulho, Esperança, Novo Avante, Camponêz e Flor do Pago. Campeonato amador de Veteranos: Categoria Veteranos – (1) Cassino Futebol Clube, (2) Palmeira Futebol Clube, (3) Associação Recreativa Piratiny, (4) Esporte Clube Caixa D’Água, (5) Sociedade Esportiva Barcelona, (6) Real Nortense Futebol Clube, (7) Associação Esportiva Santa Bárbara, (8) Associação Futebol Clube Mirim, (9) Esporte Clube Santo Antônio, (10) União Esportiva Villarreal, (11) Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, (12) Grêmio Esportivo Nacional. Categoria Máster – (1) Cassino Futebol Clube, (2) Clube Olímpico Raça, (3) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (4) Confraria da Bola, (5) Escola de Samba Vim Pra Ficar, (6) Sociedade Recreativa Esportiva Camponêz, (7) Quinta Futebol Clube, (8) Palmeira Futebol Clube.

¹⁰ Sobre o futebol de várzea em Porto Alegre ver mais em: BAULER, S. R. G. O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2005.

¹¹ Ver mais em: <http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_municipio_rg.php>

principalmente pelos veranistas,¹². Ele está localizado a uma distância de 22 km do centro da cidade do Rio Grande e possui uma população residente de aproximadamente 20 mil habitantes, porém, no período de verão ela pode chegar a 150 mil. Essa variação é perceptível principalmente ao se observarem alguns espaços de lazer, como a praia, os campos de futebol, o passeio da avenida central e a cancha de bocha localizada na avenida¹³. Esses espaços e associações de lazer estão estruturados de modo a proporcionar práticas de lazer contínuas para os moradores locais e também atividades para acomodar o público veranista durante as altas temporadas. As competições¹⁴ são organizadas de modo que realizem um ciclo completo durante a baixa temporada (de abril a novembro) e outro durante os meses de veraneio (dezembro a março).

Foi no balneário/bairro Cassino que iniciamos nossos movimentos de aproximação com esta pesquisa. As primeiras visitas a campo foram realizadas através da observação das diferentes formas de jogar futebol que estavam presentes naquele local, em campinhos espalhados pelo bairro, em terrenos baldios e canteiros que dividem avenidas.¹⁵ Nessas primeiras observações presenciamos jogos compostos de equipes mistas, em relação as diferentes idades, nesse caso, veteranos e jovens.

Dando prosseguimento as observações, nos deparamos com alguns jogos peculiares, onde havia apenas os veteranos dentro de campo e com o diferencial da presença de arbitragem, composto apenas pelo juiz, até então. As equipes possuíam treinadores as margens do campo, equipamentos de jogo e seguiam regras próprias. Assim, curiosos, passamos a direcionar nossos olhares para aquele futebol, o de veteranos, que sem demora nos apresentou uma liga a qual pertenciam, a Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG).

O estudo foi realizado a partir dos acontecimentos desta Liga, que é formada por homens com mais de quarenta anos que praticam o futebol competitivo em seus momentos de lazer. Nas primeiras aproximações passamos a suspeitar que as atividades relacionadas à

¹² Ver em ENKE, Rebecca Guimarães. Balneário Vila Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905).

¹³ Essa cancha de bocha faz parte do Chapéu de Palha, um espaço público, localizado no canteiro central da Avenida Rio Grande. Esse local é zelado por um grupo de senhores que mantém uma relação de pertencimento com aquele espaço. Ver mais em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/redsis/article/viewFile/1746/933>>.

¹⁴ Campeonatos de futebol e bocha que pude acompanhar.

¹⁵ Nos meses de janeiro e fevereiro de 2010 frequentei diferentes ambientes futebolísticos na cidade do Rio Grande, em especial no balneário Cassino. Dentre eles, os que atraíram mais a minha curiosidade foram os jogos de futebol que aconteciam aos finais de semana em dois campos da Avenida Atlântica, no campo da Iemanjá (Avenida Beira-Mar com Avenida Rio Grande) e no campo do Cassino Futebol Clube, localizado na Rua São Leopoldo, 240, no Bairro/balneário Cassino, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

LVRG ocupassem uma posição relevante em suas vidas, bem como o futebol, uma experiência constituinte desses sujeitos.

A partir dessa presença e da relevância das práticas futebolísticas dos veteranos, este estudo tem como objetivos: (1) entender as formas de organização e funcionamento da Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG); (2) descrever e analisar alguns acontecimentos futebolísticos que estiveram presente na 15ª edição do campeonato da LVRG, ocorrido no ano de 2010; e (3) estudar as práticas que constituem esse futebol de veteranos, dentro e fora de campo.

Para responder a esses objetivos utilizamos algumas ferramentas metodológicas da etnografia e da história oral, como a confecção de um diário de campo, a coleta de documentos e imagens, duas entrevistas semi-estruturadas, um depoimento oral e o registro permanente de dados relacionados à LVRG.¹⁶

Esta dissertação está composta por este texto inicial apresentado até aqui, mais cinco capítulos e em seguida o encerramento com as considerações finais. O segundo capítulo trata das considerações sobre a metodologia. O capítulo três é composto por especificidades do futebol de veteranos e deste como uma forma de lazer. O quarto descreve a Liga de Veteranos desde a sua criação até o ano de 2010. O capítulo cinco traz considerações sobre as especificidades do lazer e da sociabilidade dos veteranos da Liga. No último capítulo trataremos sobre o futebol do campeonato de veteranos e algumas de suas singularidades.

¹⁶ A fim de atender aos procedimentos e cuidados éticos, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (CEP-FEN-UFPeI) e aprovada sob o parecer nº 219/2011.

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Dentre as considerações importantes de serem abordadas em relação à metodologia desta investigação, destacamos duas, já citadas por Veiga - Neto (2007), que auxiliaram na compreensão dos entendimentos que assumimos e que embasaram nosso estudo. Uma delas foi a “impossibilidade do distanciamento e da assepsia metodológica ao lançar nossos olhares sobre o mundo (p.35)” e a outra foi a opção por não eleger uma categoria a que as outras fossem subordinadas, acreditando, assim, na possibilidade para que se compreendessem “infinitos recortes e combinações que compõem o mundo (p.36)”.

Para a metodologia desta pesquisa encontramos inspiração na etnografia e foi a partir desta postura que realizamos observações e elaboramos 43 diários de campo, registramos cerca de 460 imagens e coletamos documentos oficiais como atas, estatuto, regulamentos, notícias do Jornal Agora¹⁷. Além disso, realizamos uma entrevista com o presidente da LVRG, uma com um treinador e outra com um dirigente de clube e jogador, bem como produzimos anotações de conversas informais com integrantes da liga.

No decorrer da investigação nos deparamos com inúmeras narrativas do grupo investigado sobre o seu futebol, as suas relações com ele e suas histórias de vida. Portanto, a partir dessa constatação, optamos por trabalhar também com alguns princípios da história oral que emergiram da utilização de ferramentas que compõem a etnografia, o que aconteceu no caso de uma entrevista, que sofreu um deslocamento no seu decorrer e aproximou-se de um depoimento, sendo, então, analisado como tal.

Nos encontros com o grupo investigado, os depoimentos orais foram marcantes, destacando-se em vários momentos os fatos ocorridos na trajetória da liga desde sua criação e, ainda, os acontecimentos anteriores ao seu surgimento. Percebemos que havia naquele grupo uma diversidade de fontes orais que puderam “corroborar” e “preencher” com minúcia os eventos acontecidos no passado (THOMPSON, 1992, p. 255).

¹⁷ Principal jornal da cidade do Rio Grande, o único com edições diárias.

2.1 ENTRELAÇANDO ELEMENTOS DA ETNOGRAFIA E DA HISTÓRIA ORAL

O estudo etnográfico compreende uma observação do pesquisador por um período de tempo acerca dos costumes e ações de um grupo de pessoas associadas. Os períodos de observações se fazem necessários para que o pesquisador entenda os significados das ações dos participantes, de forma que os integrantes do grupo se sintam, de certa forma, representados e reafirmem essas ações para si mesmos, ou, em outras palavras, que os sujeitos analisados possam se reconhecer diante da pesquisa e se identifiquem como parte daquele trabalho.

Essa forma de pensar e fazer a etnografia, a partir de um intensivo trabalho de campo, buscando reproduzir a realidade como ela se apresenta, teve início com Malinowski (1922)¹⁸, legitimando o fazer antropológico que através da objetividade na disciplina ganhou autoridade e parece ter elevado seu *status*, alcançando as ciências exatas (JORDÃO, 2004). Portanto, naquele período,

no próprio projeto de constituição de um saber mais sistemático sobre o homem, delinea-se como seu principal eixo uma compreensão da natureza e da cultura que eram o próprio fundamento epistemológico de sua cientificidade. Assim, durante um longo espaço de tempo, que compreende até os dias atuais, quase todas as suas variantes teóricas como, por exemplo, o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo, comprometeram-se com um saber sobre o outro vinculado às leis científicas que estabeleciam uma natureza una e hegemônica para todos os seres humanos, em contrapartida a constatação visível de culturas em constante transformação (JORDÃO, 2004, p.36).

Em um período posterior, que pode ser considerado um momento de transformação no fazer antropológico, surge um novo procedimento, através da observação participante, construída a partir do conhecimento estabelecido na relação entre o pesquisador e seu objeto com o leitor.

Próximo a essa perspectiva, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1998) destaca na etnografia três etapas, que considera fundamentais: olhar, ouvir e escrever. Segundo ele, para entendermos as relações sociais dessa forma precisamos nos banhar de conhecimentos, obtendo o maior número possível de dados, como nomenclaturas, símbolos e

¹⁸ Com a publicação dos Argonautas do Pacífico Ocidental, realizado com habitantes das Ilhas Trobriand na Nova Guiné.

posteriormente analisar as relações. Essa sabedoria prévia pode nos auxiliar a enxergar com outros olhares aquele universo que até então alcançávamos, pois apenas um modo de ver do investigador talvez não seja o suficiente para expandir as possibilidades de significação da pesquisa em seu trabalho teórico.

No ato mais específico do ouvir, trabalhamos para compreender o sentido do que é expresso e significar os fatos, apoiados na bibliografia existente e na descrição detalhada dos acontecimentos.

No ato de escrever, elaboramos nossas análises após ver e ouvir, para uma linguagem escrita que possa ser identificável por outros leitores e é nessa etapa que mais claramente pudemos perceber o quanto acrescentamos às nossas pesquisas, às características da nossa socialização, confirmando que “somos irremediavelmente parte daquilo que analisamos (VEIGA-NETO, 2007, p.35)”. Nos estudos etnográficos, apresentamos a nossa compreensão diante de um contexto específico, de acordo com o entendimento que os indivíduos do grupo estudado fazem de suas próprias práticas.

Para Geertz (1989), o etnógrafo encontrará uma diversidade de “estruturas conceituais complexas”, interligadas umas às outras, que de alguma forma ele deverá “primeiro apreender e depois apresentar”. Para esse autor:

Fazer a etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

A metodologia etnográfica pode nos aproximar da compreensão e conhecimento sobre as diferentes culturas existentes no mundo, partindo da tentativa de colocar-se no lugar do outro e, assim, conhecer a realidade na qual ele está inserido. Quando nos deparamos com tradições de outras culturas momentaneamente somos tomados por uma sensação de estranhamento diante do “outro”.

Na história oral, seguindo um movimento semelhante, encontramos a possibilidade de conhecer e compreender diferentes situações sociais e formas de vida. Para Alberti (2003), as histórias são apreendidas no seu conjunto. Elas são apresentadas aos leitores juntamente com “propostas de interpretação histórica” (ALBERTI, 2003, p. 06), o que permite que haja uma ampliação do conhecimento. Próximo a isso, Benjamim (1936) situa o narrador como alguém que está:

entre mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia) (BENJAMIN, 1996, p. 221).

A história faz parte de nossas vidas, perpassando-as de diferentes formas, como no conteúdo da escola, nos livros de histórias contadas antes de dormir e nas histórias narradas pelos pais e avós. Em muitas ocasiões essas histórias são tratadas apenas como informações, desprezando-se a dimensão da experiência¹⁹ ou, ainda, trata-se o passado como algo deslocado da constituição dos sujeitos e das sociedades (THOMPSON, 1992).

Entretanto, a história oral se apresenta como uma possibilidade de intensificar “a finalidade social essencial da história” (THOMPSON, 1992, p.21), ou seja,

a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p.22).

A seguir passamos a uma segunda etapa dos procedimentos metodológicos, que é o desafio de operar com instrumentos dessas duas metodologias, interagindo com conceitos, autores e nossos primeiros dados empíricos.

2.2 INVESTIGANDO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na contemporaneidade, já há algum tempo, vem sendo desenvolvida uma crítica ao modelo etnográfico que analisa a maneira como os pesquisadores vinham se apresentando em seus textos, desde Malinowski, sobretudo, na relação entre eles e os sujeitos de pesquisa. Segundo esses autores²⁰, através dessa análise será possível romper com a produção de textos comprometidos com um ideal de verdade positivista (JORDÃO, 2004).

¹⁹ Ver mais em BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.19, p.20-28, 2002.

²⁰ Alguns críticos atuais se autodenominam pós – modernos, mas a reflexão sobre estes procedimentos surgiu ainda em alguns clássicos da antropologia, como Marcel Mauss (1974) e Evans – Pritchard (1985), bem como com antropólogos hermeneutas que podem ser representados pelo pensamento interpretativo de Clifford Geertz (1989). Ver mais em JORDÃO, 2004.

Nesta perspectiva, este trabalho buscou analisar a Liga de Veteranos do Rio Grande, o futebol, a estrutura organizativa, os preparativos para os jogos e os momentos festivos, a partir das manifestações (comportamentos e narrativas) dos seus participantes, buscando responder: Como esta prática funciona e como se organizam as atividades que a envolvem? Quais os acontecimentos futebolísticos que compõem a edição de 2010 do campeonato de veteranos da Liga? Quais são e como se constituem as práticas relacionadas ao futebol de veteranos?

Segundo Elias (1992, p.231), a existência, as características e o significado de determinado grupo social que pratica um tipo de esporte não podem ser determinados de outra maneira a não ser por meio de estudo empírico. Assim, procuramos entender e analisar essa manifestação através da prática etnográfica, que, para Geertz (1978, p.15), vai além de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário...”. Essas técnicas e procedimentos da etnografia estão atrelados ao esforço intelectual do pesquisador em decifrar os códigos estabelecidos entre os indivíduos que compõem aquele sistema (GEERTZ, 1978).

Nos primeiros contatos realizados com a liga de veteranos, os assuntos tratados comigo foram quaisquer outros que não o futebol. Mesmo que eu estivesse em uma roda de conversa sobre futebol, ao olhar para o lado, aqueles homens procuravam outra pessoa para comentar. Não foi preciso estar em uma ilha rodeada por nativos para me sentir similar a Malinowsky, quando ele salienta:

Lembro-me bem das longas visitas que efetuei às povoações durante as primeiras e da sensação de desânimo e desespero depois de muitas tentativas obstinadas mas inúteis com o objetivo frustrado de estabelecimento de um contato real com os nativos ou da obtenção de algum material (MALINOWSKY, 1997, p. 19).²¹.

Após esse período de anotações através da observação sem interação, logo passei a me relacionar com os sujeitos investigados, estabelecendo contatos com diferentes informantes. As observações desses momentos foram registradas em diários de campo e por vezes acrescidas com imagens (fotografias). As fotografias fizeram parte do diário de campo, facilitando a compreensão da leitura e a visualização das situações descritas. “Elas (as

²¹ Depois de algumas visitas ganhei uma poltrona azul para que me acomodasse melhor. Essa poltrona ficava do lado de dentro do balcão de atendimento.

imagens) aparecem aqui como um enunciado imagético que, ao se entrelaçarem ao discurso escrito, formam um único texto, composto por imagens e palavras” (RIGO, 2010 p.159).

Esses registros foram coletados a partir do campeonato de futebol de campo de 2010 da LVRG, corpus empírico desta pesquisa, que envolveu os participantes das categorias de veteranos e máster ²². Para tanto, foram realizadas análises de registros das notícias sobre a competição do ano estudado, através do único jornal diário da cidade do Rio Grande, o Jornal Agora. Além disso, foram empregados documentos oficiais, que foram acessados, copiados e analisados, entre eles, o estatuto da Liga e os regulamentos da competição do ano de 2010. Alguns instrumentos de registros e cadastros utilizados pelos gestores da Liga também foram analisados e anexados a este trabalho.

Além das observações e confecção dos diários de campo, da análise do acervo dos registros escritos (documentos e reportagens), também foi coletado um depoimento oral (entrevista temática) com um dirigente da Liga e treinador de uma equipe de veteranos²³ e duas entrevistas semi-estruturadas, com um treinador de uma das equipes que disputa o campeonato de veteranos²⁴ e com um dirigente de clube e jogador da categoria máster, pela mesma entidade²⁵.

O depoimento seguiu os princípios metodológicos da história, assinalados por autores como Portelli (2010) e Thompson (1992) e foi tomado como uma fonte histórica que nos deu pistas para conhecermos o passado e o presente (ALBERTI, 2003). O primeiro autor, lembra-nos ainda que na história oral as fontes são pessoas e não documentos e que “a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é *interpretar* (PORTELLI, 1996, p.02).” Aproximando-se da noção de que, na

etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador, e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. (MALINOWSKY, 1997, p. 19)

²² Na categoria de Veteranos podem se inscrever aqueles jogadores que possuem 40 anos completos e na categoria máster podem se inscrever aqueles nascidos até 1960. (Regulamento do Campeonato Máster - 50 anos, 2010 e regulamento do Campeonato Veteranos - 40 Anos, 2010).

²³ O depoente nasceu em 1958, é publicitário e participa da liga desde sua fundação, atualmente é o presidente da LVRG.

²⁴ O entrevistado nasceu em 1956, é assessor de um vereador do município e atualmente é treinador do Palmeiras Futebol Clube.

²⁵ O entrevistado nasceu em 1952, é securitário e atualmente é dirigente/“patrono” do Cassino F.C. e jogador da equipe máster desse mesmo clube.

O cruzamento da história oral com a etnografia é uma prática recorrente nos meios acadêmicos. Uma das justificativas para essa aproximação está na valorização que ambas atribuem às fontes de natureza distintas, escritas, orais e imagéticas. Sobre essa singularidade, Paul Thompsom comenta que “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira* (THOMPSOM, 1992, p.137).”

Já as entrevistas semi-estruturadas foram pautadas basicamente pelos estudos que tratam das metodologias de pesquisa em ciências sociais. Como um modo de interagir socialmente, a entrevista, de modo geral, é uma fonte muito utilizada nessa área e pode ser uma das formas mais adequadas, para a obtenção de informações/dados sobre os sujeitos (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 2009).

Segundo Triviños (2009), a entrevista semi-estruturada consegue valorizar a presença do pesquisador e ainda oferecer possibilidades para que o informante sinta-se livre e aja espontaneamente, o que poderá enriquecer o estudo. Para esse autor, esse tipo de entrevista parte de questionamentos teóricos e hipóteses que interessam a pesquisa e podem se multiplicar na medida em que se recebem as respostas dos entrevistados. Assim, este último, “seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências” (p.146), a partir do direcionamento colocado pelo investigador, participa da elaboração do conteúdo da pesquisa.

Também consideramos importantes algumas ponderações realizadas por Magnani (1998) sobre o método em sua pesquisa, ao abordar a relevância dos aspectos extra discursivos, ou seja, as condições de produção e recepção e o espaço social onde os discursos circulam. E ainda, a conveniência de lembrarmos que todo material discursivo, verbal e escrito, circula entre esses dois pólos (produtor e receptor), cujas características não podem ser deixadas de lado. Os discursos e as ações, não são opostos e não operam um distorcendo o outro, mas, pelo contrário, são “formas diferentes, mas complementares de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através da especificidade de cada situação concreta (MAGNANI, 1998, p.58).”

3. OS VETERANOS E O SEU FUTEBOL

O futebol, assim como tantas outras práticas esportivas, está cada vez mais presente no cotidiano dos sujeitos da sociedade contemporânea. Observa-se uma tendência no aumento da expectativa de vida, aliada a maior participação de indivíduos acima de 35 anos em atividades físicas competitivas e não-competitivas (LAZZOLI, 2001, p.83) ²⁶. No futebol, mais especificamente, quando um jogador atinge essa idade, ou aproximada, pode ser considerado um veterano.

O termo “veterano” é utilizado para designar os sujeitos com idade acima de 40 anos que jogam futebol na Liga, e está mais relacionado à experiência adquirida através da vivência, nesse caso, no universo do futebol, do que com o processo de envelhecimento. O termo também pode ser encontrado em artigos acadêmicos de outras áreas, que não a das ciências humanas, para se referir a militares ex-combatentes de guerra, acadêmicos dos últimos anos de curso e profissionais experientes da enfermagem e atletas em geral.

Embora existam diversos grupos de veteranos que pratiquem futebol na cidade do Rio Grande, optamos por investigar aquele que nos pareceu estrategicamente mais homogêneo, em relação à idade dos integrantes. No grupo analisado, a restrição da entrada dos mais jovens atua como um fator de composição e delimitação da sua estrutura, pois só podem fazer parte da Liga aqueles que possuem idade igual ou superior a quarenta anos, completos até o primeiro dia do campeonato da LVRG, mediante comprovação original.²⁷ Existem outras competições de veteranos que permitem a participação dos mais jovens nos jogos de futebol, ou apenas não fiscalizam a idade de quem participa. Assim, essas formas de associação caracterizam outro grupo e outro futebol, com significações diferentes.

Através da LVRG nos voltamos ao campeonato que ela organiza e a sua sede se tornou o nosso ponto de coleta de dados, principalmente, das informações sobre os eventos que ela organiza. A partir disso, passamos a observar o futebol de veteranos e constatamos

²⁶ O estudo trata do posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre o esporte competitivo em indivíduos acima de 35 anos. Tem como objetivo fornecer recomendações médicas para maior segurança na prática de exercícios de caráter competitivo por atletas veteranos.

²⁷ A comprovação da idade dos jogadores, por um período, foi realizada através da cópia da carteira de identidade, até quando houve um caso de falsificação de um jogador que tinha 37 anos e tentou se passar por 40, para ingressar no campeonato da Liga. A partir de então a entidade passou a exigir a certidão de nascimento, com cópia autenticada em cartório.

que ele ultrapassa as linhas do campo de jogo. A partir dessa constatação passamos, então, a considerar essas experiências dos veteranos sob dois aspectos: campo e extra-campo.

Naquilo que estou chamando de experiência de campo, notamos que há uma constante busca dos jogadores por algum objetivo, que pode ser a vitória da sua equipe, um bom desempenho individual em campo, entre outros. Ao mesmo tempo em que um jogador pode almejar sua boa *performance* em campo, não deixa necessariamente de requisitar também a vitória da sua equipe, sendo que os desejos de cada jogador podem sofrer alterações ao longo de uma partida, influenciado por fatores como a situação do jogo (estar perdendo ou ganhando de goleada) e a dependência por resultados (precisar fazer um número exato de gols para vencer ou se classificar para a próxima fase do campeonato).

Mediante essas considerações identificamos proximidades com a noção da dinâmica dos grupos esportivos, descrita por Elias e Dunning, que pressupõe a tensão e a cooperação ocorrendo paralelamente em diversos níveis.²⁸ Nesse caso, o jogo de futebol não deveria ser visto como algo separado do grupo de jogadores, pois o padrão individual de jogo é também um padrão de grupo. A configuração inicial pode se transformar constantemente durante o movimento da partida, elaborando outras dinâmicas do jogo. Quando assistimos a uma partida de futebol não estamos diante de um conjunto de pessoas coerente, que se desloca entre o ataque e a defesa, mas sim, de “pequenos grupos de seres humanos que modificam as suas relações em constante interdependência” (ELIAS e DUNNING, 2002, p.280).

Nas atividades que compõem o extra-campo, existem configurações inspiradas em princípios do futebol profissional, vinculadas a uma ideia de produtividade, como na preparação dos atletas e treinadores e na forma de organização do campeonato da liga. No entanto, noutras atividades consideradas extra-campo deste mesmo grupo social, podem-se priorizar a sociabilidade e o divertimento como um fim em si mesmo, em que o grupo de jogadores se reúne sem necessariamente estar priorizando a vitória ou a competição, focando-se mais na prática da atividade esportiva em si.

Aceitamos provisoriamente a sugestão de Wisnik (2008), que nos convida a interpretar o futebol, perseguindo as “ligações entre o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno” (p. 18). Assim, nos dedicamos a análise dos encaminhamentos que davam origem aos jogos (pré-jogo), às próprias disputas e as situações pós-jogo que davam continuidade as partidas mesmo longe dos gramados. A partir destas escolhas, foi

²⁸ Para os autores, nem a tensão nem a cooperação seriam o que são uma sem a outra.

imprescindível que operássemos com algumas noções de lazer, emergentes do campo empírico e teórico, sem tomarmos apenas uma delas como verdadeira.

3.1 SOBRE LAZER E O FUTEBOL DE VETERANOS...

Abordaremos aqui a temática do lazer buscando investigar algumas aproximações sobre o entendimento de lazer a partir do grupo social investigado. Trabalhamos com a noção de que o lazer é uma função da vida e não é passível de uma definição exata. Buscamos abordar algumas características atreladas ao lazer, que estiveram presentes ao longo do trabalho, como a competitividade (tensão-excitação) e as demandas organizativas (labor).

De acordo com Elias e Dunning (1992), as atividades de lazer caracterizam-se principalmente por serem atividades em que os seus sujeitos (agentes) possuem um grau maior de autonomia e uma maior possibilidade de livre-arbítrio para deliberar sobre elas. Segundo eles:

Em certos aspectos, todas as atividades de um indivíduo têm outros indivíduos como quadro de referência; noutras, o quadro de referência é o próprio agente. No caso das atividades de trabalho, o equilíbrio entre esses dois aspectos inclina-se a favor do primeiro, no caso das atividades de lazer, a favor do último. (ELIAS e DUNNING, 1992, p139).

Poderíamos pensar, então, nas atividades de lazer como aqueles momentos em que o indivíduo têm a si mesmo como principal referência na sua realização, ou seja, em que os comportamentos dele estão menos restritos a uma formatação do ambiente, não há exigências tão contundentes para que os indivíduos se comportem conforme regras estipuladas, e normalizadoras de um único tempo-espço. Dentre as diferentes formas de lazer existentes, em muitas delas, a presença de uma ou mais equipes/grupo é fundamental, como em uma competição de futebol, por exemplo.

Consideramos a competição²⁹ como uma dentre as possibilidades de lazer e nos chamou a atenção principalmente duas possibilidades sobre o seu entendimento. Nos textos acadêmicos nos deparamos, com a superação do entendimento de lazer como um relaxamento das tensões diárias, afirmando, assim, sua “agradável tensão-excitação”, responsável por

²⁹ Não pretendemos reforçar uma noção dicotômica, acreditamos que as noções de competição e cooperação não se opõem uma à outra, nos aproximando da compreensão de Oliveira (2001).

proporcionar uma sensação “de satisfação no lazer” (ELIAS e DUNNING, 1992, p.136). Porém, diferentemente do referencial teórico utilizado, para os sujeitos investigados no grupo de veteranos, a relação do lazer com um relaxamento de tensões ainda está muito próxima.

Emergentes das visitas a campo, algumas expressões utilizadas pelos veteranos apontam no sentido da justificativa da presença do futebol em suas vidas, sendo comuns as atribuições de utilidade a essa atividade, como a prática de atividade física atrelada ao cuidado com a saúde e o futebol como forma de lazer atrelada ao “*relaxamento*”:

É um lazer, assim, é um relax, tu vem aqui tu esquece, tu esvazia tua cabeça... (Entrevista – MACEDO, 13/10/2011).^{30 31}

É possível ainda percebermos que os nossos sujeitos de pesquisa diferenciam as atividades futebolísticas das quais participam entre aquelas que exigem mais esforços deles e aquelas em que eles podem descansar. Nas partidas de futebol que alguns deles atuam como treinadores, por exemplo, estão mais próximos do cumprimento de demandas e das tensões que o papel assumido lhes exige. Já nas disputas entre outros times, dos quais eles não fazem parte, eles são expectadores e, por isso, podem considerar um momento de “*descanso*”. Podemos exemplificar essa situação através do que foi citado por dois entrevistados que desempenham a função de treinadores:

*Eu gosto, é uma segunda opção, acho que é um meio de tu tirar o stress também. Eu vejo sempre do meu fim de semana acho assim, no sábado eu faço futebol, depois de uma semana de trabalho e no domingo eu vejo futebol (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).*³²

*Termina o campeonato em dezembro, janeiro inicia o outro e no Cassino eu quero só olhar e curtir né (risos). Tirar as férias! Até porque eu tenho uma casa pertinho do campo do Cassino aí, então, quando eu escuto o apito aí de casa: ó vai inicia o jogo, vou lá! E se eu tiver compromisso, uma hora antes eu tenho que tá lá, então, eu não quero. Quero descansar no verão (Entrevista – LOPES, 09/09/2011).*³³

Quando passam a fazer parte de um grupo, os indivíduos tendem a seguir certas combinações coletivas. Podemos dizer que são regras organizativas e que é imprescindível

³⁰ MACEDO, Dailton Alves. Entrevista concedida em 13 out. 2011 a Micheli Vergínia Ghiggi em Rio Grande.

³¹ Para melhor organizar a estrutura deste trabalho, sempre utilizaremos as citações retiradas das fontes orais (depoimento e entrevistas) em itálico, sem recuo e com espaçamento simples

³² DIAS, Carlos Reni. Depoimento concedido em 21 mar. 2011 a Micheli Vergínia Ghiggi em Rio Grande.

³³ LOPES, Oraci Henrique. Entrevista concedida em 09 set. 2011 a Micheli Vergínia Ghiggi em Rio Grande.

seguir-las para poder participar das atividades em conjunto, inclusive das próprias elaborações. Embora hajam demandas a serem cumpridas enquanto se é membro de um grupo, pode-se deixar de sê-lo a qualquer momento. Reafirmando assim, algumas das características da concepção de lazer de Elias (1992), a saber: a satisfação e o livre-arbítrio.

As demonstrações e os relatos dos nossos informantes sobre a experiência do futebol de veteranos mistura características de lazer e trabalho, construindo um amálgama que nos exigiu algumas reflexões acerca dos conceitos estudados até então. As fronteiras que separam o trabalho do lazer, nesse caso, surgiram muito frágeis e embaçadas, delineando o tratamento dado ao lazer neste estudo. Deste modo, nos aproximamos de alguns conceitos, da mesma forma que acabamos por nos afastar de outros.

Aproximamo-nos, por exemplo, do estudo de Stigger (2002), quando observou que numa diversidade de manifestações, elaboradas pelos praticantes investigados, as atividades não se demonstraram restritas a uma lógica dicotômica do tipo lazer/trabalho, profissional/amador, mas compõem estilos de vida próprios construídos por eles mesmos.

Para DaMatta (1994), no trabalho temos uma relação direta com o “dever, com a obrigação, com o castigo, com o pecado e com a dureza da vida”, já as atividades esportivas são paradoxais, pois não são produtivas a ponto de transformar a natureza e a sociedade. Elas são, antes de qualquer coisa, esferas da vida que negam o utilitarismo e, por isso, provocam um efeito de pausa e descontinuidade do sofrimento causado pelas exigências de lucro, do trabalho e do êxito a todo custo (p.13).

O tratamento dado por DaMatta às atividades esportivas, nos dias de hoje, nos parece um tanto generalista, porém, toca em pontos importantes e característicos do grupo investigado. Como a noção de descontinuidade, por exemplo, que pode ser observada no caso do futebol de veteranos para alguns, que consideram essas ocupações formas de descansar e relaxar das obrigações cotidianas em relação ao trabalho. Para outros, a pausa do campeonato de veteranos pode ser a própria descontinuidade, quando enfim, eles poderão descansar das tarefas e obrigações que o futebol de veteranos lhes exige.

A idéia colocada por DaMatta de que nas atividades esportivas não há produtividade a ponto de transformar a natureza e a sociedade está relacionada a distinção entre labor e trabalho elaborada por Arendt (2007). Para a filósofa alemã o labor é constituído pelas atividades necessárias à vida humana e no trabalho há a transformação das coisas naturais e,

diferentemente de Marx, para ela, o trabalho não é ontológico, mas uma construção cultural da espécie humana.

Podemos considerar que existem diferentes formas de trabalho, produtivo e improdutivo. Porém, o trabalho improdutivo sofreu (ou ainda sofre) com o menosprezo da sociedade moderna, que considerava indigna essa atividade incapaz de enriquecer o mundo (ARENDDT, 2007). Assim, para a autora, elaborou-se uma distinção fundamental entre trabalho e labor, na qual “realmente é típico de todo labor nada deixar atrás de si, o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço despendido (p.98)”. No labor, não é fundamental que haja a produção de objetos materiais, transformados em mercadorias, mas há a produção dos bens necessários às nossas vidas, como o alimento ou as condições para a existência e prática de uma atividade como o futebol de veteranos, por exemplo.

Assim, sem a pretensão de definir as atividades realizadas pelo grupo de veteranos, encontramos diferentes possibilidades de abordagens, dentre elas, a de trabalho, labor e lazer. Embora essas aproximações, para alguns possam parecer paradoxais, não identificamos que elas sejam antagônicas, pois foi possível detectar que essas características coexistem no ambiente investigado.

4. A LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE (LVRG): A CRIAÇÃO E A FORMAÇÃO ATUAL

Nessa etapa do presente trabalho, iremos apresentar a Liga de Veteranos do Rio Grande, no momento de sua criação e no ano de 2010, a partir das fontes escritas que registraram os acontecimentos de criação da LVRG, mesclados com as fontes orais, para obter maior suporte empírico. Prosseguimos detalhando a estrutura do campeonato de 2010 nas duas categorias, veteranos e máster. E por fim damos ênfase ao suporte organizativo do campeonato, elaborado pela LVRG. Consideramos essa fase da construção textual fundamentalmente descritiva, constantemente vinculada com o processo de análise.

Então, inicialmente “mergulhamos” na história do grupo, entendendo que a narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório” (BENJAMIN, 1996, p. 205). Pensamos, assim, em trazer à tona os momentos repletos de emoções e excitabilidades que marcaram a criação desse grupo social.

A Liga de Veteranos do Rio Grande foi fundada em 1995³⁴ por um grupo de amigos que joga futebol desde a juventude, com a intenção de reunir ex-jogadores que haviam perdido o direito de competir, ou por terem ultrapassado a idade média de jogadores ou por estarem “pisados”³⁵. A organização inicial para a sua formação se deu a partir de relações sociais estabelecidas há alguns anos, através de uma equipe de futebol formada por garotos que residiam no mesmo bairro, o Senandes.

Quando ainda iam à escola, alguns jovens que moravam nesse mesmo bairro resolveram montar um time, o Bahia Futebol Clube. Segundo um de seus formadores, esse time se destacava, demonstrando “sucesso” em competições na região.

Nós criamos o Bahia, que teve uma felicidade muito grande, assim, de angariar muitos títulos. Nós chegamos a uma época, assim, que tinha os torneios de futebol, coisas assim, e nós já não éramos mais convidados. Porque se nós fôssemos convidados os clubes já não teriam mais outros tantos que eram convidados, porque o nosso time ia e tomava conta. (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

³⁴ A Liga de Veteranos do Rio Grande foi fundada em 14 de fevereiro de 1995, como sociedade civil, de âmbito regional, sem fins comerciais, de caráter científico, educacional, desportivo, associativo e prestadora de serviços de utilidade pública, a fim de organizar, supervisionar, coordenar, fiscalizar e divulgar as atividades esportivas nos campeonatos de futebol de campo, futebol de salão, voleibol e demais modalidades, em qualquer categoria amadora, promovidas pela entidade. (Estatuto da Liga de Veteranos do Rio Grande).

³⁵ Pisado é um termo utilizado pelos veteranos para designar um jogador machucado.

No período em que esses meninos do Bahia F.C. se reuniam para jogar futebol, havia três clubes de futebol profissional³⁶ ativos na cidade do Rio Grande, o que fazia movimentar a busca por jovens jogadores. Essa influência acabou por determinar a trajetória de alguns garotos do Bahia F.C., que iniciaram na profissão de jogadores de futebol nesses clubes e depois passaram a “rodar”³⁷ por outros clubes do estado e, alguns, até fora do Rio Grande do Sul, principalmente por que

Todos foram chegando aos seus 16, 17 anos, os clubes de Rio Grande, os três na época estavam vivos, que era Rio Grande, Rio Grandense e São Paulo. Então, eles olhavam o futebol amador daquela época, então eles passavam a fazer uma vistória em campos do interior e acharam a mim... Acharam meu irmão, acharam meus dois primos, acharam mais outros dois que jogavam conosco lá. (Depoimento – Dias, 21/03/2011)

Desse grupo de jogadores, nenhum permaneceu no futebol profissional; todos seguiram outras carreiras, mas mantiveram a proximidade com o esporte. Alguns anos depois, esses jovens, agora senhores, resolveram reunir o Bahia F.C. para participar de um campeonato comemorativo, organizado pela administração municipal, que estava proporcionando inscrições a uma categoria acima de 35 anos.

Nós recolhemos todos de novo e fizemos o mesmo grupo Bahia. Entramos no torneio e tiramos o torneio. Não nos encontrávamos há 10 anos, não jogávamos há 10 anos juntos, mas pegamos os mesmos atletas que jogavam naquela época. Nós encontramos todinhos e todos foram. E foi gostoso, porque aí já tínhamos famílias [...]. (Depoimento – DIAS, 21/03/2011)

Naquele momento, esses jogadores perceberam uma forma de continuarem atuando nas competições de futebol. E esse campeonato os fez acreditarem que uma categoria que selecionasse apenas jogadores com faixa etária próxima os faria sentirem-se mais participativos, competindo com igualdade de condições:

Ninguém ficava sem correr atrás da bola e sem tocar na bola, porque tinha fôlego para enfrentar a todos... (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

³⁶ Sport Club Rio Grande, Football Club Riograndense e Sport Club São Paulo.

³⁷ O termo rodar é utilizado pelos veteranos para se referirem à circulação de jogadores em clubes de diferentes regiões, em sinal de aceitação. Rial (2008) refere-se a esse termo utilizado por jogadores profissionais para abordar os movimentos migratórios, também em sinal positivo de enriquecimento através da experiência.

A LVRG foi criada a partir da percepção dos próprios veteranos sobre o que estava acontecendo na época: a diminuição das possibilidades de práticas competitivas de futebol para jogadores que escapavam do “perfil considerado ideal” para o rendimento. Segundo Dias, presidente da liga, o Esporte Clube Rio Grande criou um departamento de veteranos para ex-jogadores, profissionais e amadores, que estavam com idade avançada, com “menos preparo físico” ou “pisados”, que “não tava jogando o amador e não tinha uma outra categoria para jogar”. Esses veteranos se reuniam aos sábados pela manhã para jogar e depois faziam almoço em um momento de confraternização. O fato de não haver campeonato, nem uma categoria da qual pudessem fazer parte quando alcançassem determinada idade, eram fatores desmotivadores para aquele grupo. Havia um sentimento de desvalorização em relação ao seu futebol e eles se sentiam como “os barrigudinhos” que acompanham os “gurizão”.

Nunca teve um campeonato assim aqui não. Havia jogos amistosos, então o que a gente enxergou naquela época? Que com 35 anos era muito mais fácil eu correr com um cara de 40 e de 45 que era mais ou menos... do que com aquele cara de 31 ou com 30, com 34 já faz diferença. Então isso é que a gente conseguiu avaliar e ver que realmente botasse uma idade fixa, (...) tanto que a gente levou pra 40 anos hoje e é a melhor coisa que tem, a gente vê cara com 35 anos andando que é um foguete no amador aí, jogando muito (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

Na idade que haviam alcançado, os 35 anos, eram poucas as opções de lazer que ofertavam uma organização nos moldes competitivos do futebol. As possibilidades haviam se tornado mais restritas e já era comum jogar uma “pelada” antes de um almoço, enquanto esperavam os filhos que jogavam nas categorias de base dos clubes da cidade. Esses jogos eram formados por times de jogadores com idade mista para completar a numeração necessária em campo, o que deixava os jogadores mais velhos insatisfeitos. Devido ao melhor desempenho físico, os jogadores mais novos acabavam se destacando e os veteranos pareciam apenas figurar naquele cenário. O equilíbrio de tensões entre dois subgrupos em uma partida de futebol, a que se referiam Elias e Dunning (1992), havia se rompido.

Partindo dessa necessidade, alguns dos jogadores que haviam disputado aquele campeonato comemorativo resolveram fazer uma associação com um campeonato específico de 35 anos. Antes de tomar as providências administrativas, foram consultados outros jogadores veteranos para tomar conhecimento de qual seria a receptividade dessa organização por parte do grupo. Foi realizado um campeonato “piloto”, no ano de 1994 e, a partir da total aceitação e dos incentivos, iniciaram-se os movimentos de criação da liga de veteranos:

E vamos fazer essa velharada toda jogar bola, que é isso que nós queremos (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).



Figura 1: Brasão da LVRG, fixado na porta de entrada da sede.³⁸

Em fevereiro de 1995, foi realizada a “reunião que trataria da fundação de uma entidade esportiva, que iria a partir desta data dirigir o campeonato municipal de veteranos” (Ata de Fundação, 1995). Na ocasião, estavam presentes 11 pessoas³⁹, os “fundadores”, na casa do senhor Elói Maciel, na Rua Taquarimbó, número 77, balneário Cassino.

A começar desta data, foi disputado o campeonato de veteranos na categoria acima de 35 anos, que teve quatro edições e depois veio a “*necessidade*” de delimitar melhor a idade desses jogadores, pois

Aqueles que estavam ali com 45, 46, 47, já estavam quase fazendo coisa de 50, e continuavam jogando 35 anos, porque não tinha outro nível de campeonato, só tinha 35 anos (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

³⁸ Fonte: acervo pessoal, 17 ago. 2010.

³⁹ Theóphilo Farinha Camargo, Moisés Cardoso da Silva, José Airton de Sá Soares, Theodomiro Dall Pizzol, Clóvis Pércio Mallmann, Alexandrino Ferreira Maiato, José Soilo Soares, Carlos Reni Pinho Dias, Elói Maciel, Antônio Carlos Rodrigues Soares e Sérgio Antônio Carvalho.

Assim, o campeonato estava perdendo seu propósito, pois os mais jovens estavam novamente tirando o espaço dos mais velhos, que acabavam não jogando e apenas desempenhando outras funções, como as de massagista ou roupeiro. Então, eles decidiram “empurrar” um pouco mais e a idade mínima passou a ser os 40 anos completos, na categoria “veteranos”, e foi criada a categoria “máster”, acima de 50 anos:

Então isso é que a gente conseguiu avaliar e ver que realmente botasse uma idade fixa, [...] tanto que a gente levou pra 40 anos. Hoje é a melhor coisa que tem, a gente vê cara com 35 anos andando que é um foguete no amador aí, jogando muito (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

Em 15 anos de LVRG (1995-2010) participaram 36 clubes e 1.235 atletas, de acordo com um levantamento realizado pela diretoria da liga (2009/2010)⁴⁰, que foi publicado no Jornal Agora (4-5/12/2010, p. 9). Percebe-se, assim, que aquela necessidade de um espaço competitivo, delimitado igualmente através da idade, não era restrita ao grupo de amigos do Bahia F.C.. O grande número de filiados demonstra que muitos jogadores veteranos se sentiram representados pelo grupo idealizador da LVRG.

Atualmente, a sede da LVRG está localizada em uma sala do Ginásio Municipal de Esportes Farydo Salomão, junto à Praça Municipal Conselheiro Saraiva, apelidada de “pracinha” pelos veteranos.

⁴⁰ Presidente: Carlos Reni Dias; Primeiro Vice-Presidente: Álvaro da Silva; Segundo Vice-Presidente: Gilmar Souza; Tesoureiro: Gilmar Guerreiro; Vice-Tesoureiro: Jorge da Costa; Procurador: Volnei dos Santos; Primeiro Secretário: Sérgio Souza; Segundo Secretário: Nelson Ferreira. Essa diretoria foi reeleita por aclamação para o biênio 2011/2012.



Figura 2: Dentro do espaço circulado, ao fundo está a porta de acesso a sala da LVRG.⁴¹

Segundo o estatuto, o departamento de esporte da LVRG⁴² deve ser formado por: a) uma diretoria executiva; b) clubes filiados; c) jogadores; d) departamento de árbitros; e) junta disciplinar desportiva (JDD); e d) uma junta de recursos, sendo que é principalmente nessas funções que os participantes se distribuem e assumem uma ou mais tarefas. Além destas, há ainda os torcedores e expectadores, que não estão formalmente instituídos, mas também fizeram parte das nossas análises, estando sempre presentes, participando em bom número (como é possível perceber ainda na figura 1) e compondo o cenário de jogo, ativamente em sua grande maioria.

4.1 A LIGA DE VETERANOS EM 2010

Desde a sua fundação, a Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG) organiza campeonatos de futebol de veteranos no município. Mais recentemente, em 2009, passou a

⁴¹ Fonte: acervo pessoal, 27 nov. 2010.

⁴² Capítulo XVII do artigo 79, Da formação da LVRG para o exercício e administração do esporte.

organizar também o campeonato de máster. A associação possui 1.234 filiados distribuídos em 36 clubes, ao longo de 15 anos de existência. Internamente na sala da liga há uma grande mesa de madeira com cavaletes que serve como balcão, ela demarca onde ficam os dirigentes da Liga e os integrantes que procuram atendimento. Os dirigentes ficam do lado onde há dois arquivos com gavetas grandes, contendo as fichas dos jogadores e os principais documentos. Em cima desses arquivos ficam alguns troféus. Há também arquivos de papelão com documentos de campeonatos passados, um armário com material de escritório e de campo, um sofá, algumas cadeiras e mesas, um computador e uma impressora desativados, duas máquinas de escrever, um banco sobre um degrau de madeira, para que a direção fique mais alta, principalmente, em dias de julgamento.



Figura 3: Noite de terça-feira na sede da LVRG.⁴³

Unindo os dois espaços divididos pelo balcão há, na parede oposta a da entrada, um mural extenso, o qual é separado por assuntos. Uma parte do mural é destinada à Junta Disciplinar Desportiva (JDD), outra a assuntos gerais da LVRG (como notícias de jornal, carnês de pagamento) e a outra parte é destinada aos clubes. No centro da porta há o brasão da

⁴³ Fonte: acervo pessoal, 17 ago. 2010.

Liga, junto do qual são fixados, toda semana, os resultados da rodada anterior, os jogos da próxima rodada com os mandos de campo e a tabela de pontuação do campeonato atualizada. Do outro lado do balcão ficam bancos e cadeiras, lado a lado, por toda parede, mas nem sempre há lugar para todos sentarem e alguns preferem permanecer escorados no balcão. Em cima do balcão fica um suporte com fichas de papel numeradas em ordem crescente, elas devem ser retiradas para solicitar o atendimento do presidente, que é também quem chama os números. Além das fichas, ficam duas pastas, uma azul e outra vermelha (uma por categoria), em que são registrados os cartões amarelos e vermelhos de cada equipe de todas as partidas – os representantes dos clubes têm acesso a estes registros.

Grande parte desses materiais e até os móveis são “sobras” de setores públicos, destinados à Liga mediante solicitação dos diretores. Os apoios são conseguidos em diferentes setores, como mostra o depoimento a seguir:

Então assim o que falta? Já tivemos algumas entidades... Gilmar com a Petrobrás já nos ajudou, na época que tinha gente que era da Klinger nos ajudou, Motobrás nos ajudou, o próprio grupo Guanabara, o César tira a bebida do coquetel do encerramento praticamente noventa por cento é o César que fornece. A prefeitura às vezes nos dá alguma coisa. Quando nós compramos o primeiro computador, a prefeitura nos deu um valor que dava pra nos ajudar na compra dos papéis. Nós temos uma impressora multifuncional linda e maravilhosa que não dá para botar num computador que não funciona, nós ganhamos num pool de empresas; aí nos deram uma HP muito boa. Todas as fichas são impressas por ela e eu faço tudo e às vezes eu pego um pen drive vou no jornal e imprimo, a [minha] empresa me dá folha, me dá papel, me dá tinta, me dá tudo. (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

O dinheiro arrecadado com as taxas de inscrições dos clubes nos campeonatos é todo investido na competição do mesmo ano, zerando o caixa no coquetel de encerramento. Segundo os diretores, seria importante que houvesse algum tipo de apoio que os possibilitasse liberar os clubes dessa taxa, mas, infelizmente, isso nunca ocorreu. As inscrições para o campeonato em 2010 custaram R\$ 240,00 na categoria veteranos e R\$ 200,00 na máster. Nos dois casos, a primeira parcela deve ser paga no ato da inscrição. Caso algum clube inscrito não realize o pagamento conforme estipulado, ele será notificado, um aviso de inadimplência é afixado ao mural e o clube perde as condições de jogo.



Figura 4: Durante os jogos, as fichas que foram liberadas pela Liga ficam acessíveis aos participantes, para que possam ser conferidas.⁴⁴

Os atletas filiados à LVRG são cadastrados no sistema “ficha única” e desde 2001 os clubes recebem as fichas⁴⁵ de seus atletas. Além do número de inscrição da entidade, a ficha contém os dados pessoais do jogador, foto e, no verso, seu histórico de disciplina. Na sede da Liga permanece uma segunda ficha (manuseável), onde estão registrados os respectivos clubes em que cada jogador atuou e seus históricos disciplinares⁴⁶. Esse sistema de fichamento acaba por tornar os atletas parte de uma rede cooperativa relacionada ao futebol de veteranos, independentemente do clube ao qual cada um deles pertença. Por mais que um jogador circule entre os clubes, ele pertence ao “pedaço” (MAGNANI, 1984) da Liga dos veteranos.

⁴⁴ Fonte: acervo pessoal, 28 ago. 2010.

⁴⁵ As fichas são impressas e plastificadas a fim de evitar possíveis alterações e rasuras. Os custos de material são repassados aos clubes, custando R\$ 3,00 uma nova ficha com a plastificação e R\$ 8,00 uma ficha extra que exceda o número de 20 fichas a que os clubes têm direito na inscrição (valores do campeonato de 2010). Ver modelo em anexo, p. 95.

⁴⁶ Ver modelo em anexo, p. 96.

4.2 O CAMPEONATO DE 2010: VETERANOS-40 E MÁSTER-50

A diretoria da Liga de Veteranos do Rio Grande já se reúne há duas semanas para traçar o Campeonato de Veteranos 40 anos e Máster 50 anos de 2010. Na pauta da reunião com os clubes, que acontece hoje, está todo o planejamento para esta temporada... A Liga de Veteranos do Rio Grande convoca todos os clubes filiados e novos para a primeira reunião de 2010, hoje, às 19h30min, na sede da entidade... ‘A diretoria da Liga de Veteranos conta com presença de todos para dar início à montagem das competições’ (Jornal Agora, 16/03/2010, p.8).

A passagem acima mostra o chamamento público feito pela LVRG para dar início às decisões referentes à organização do Campeonato de 2010. Nesse ano, a competição teve a 17ª edição da categoria veteranos, acima de 40 anos, e a 2ª edição da categoria máster, acima de 50 anos.

Dentre os assuntos que foram discutidos na primeira reunião estiveram a taxa de arbitragem, os horários dos jogos e a data de início da competição. Os detalhes da organização do campeonato são sempre tratados nas primeiras reuniões da liga. Assim, há uma preocupação para que todos os clubes estejam representados e cientes das decisões. A organização da equipe de arbitragem também costuma ser feita por intermédio de um comunicado público, como mostra a passagem a seguir:

A Liga de Veteranos do Rio Grande praticamente definiu suas competições para a temporada de 2010. A entidade faz chamamento para filiação dos árbitros que gostariam de fazer parte do quadro arbitral para comparecerem na próxima quinta-feira, 08, às 19h, na sede da entidade, a fim de comunicar algumas mudanças estruturais à categoria. (Jornal Agora, 2 e 3/04/2010, p.8)

A edição do campeonato de 2010 da LVRG teve início no dia oito de maio e contou com a participação de doze equipes da categoria veteranos⁴⁷ e sete equipes da categoria máster⁴⁸ (Jornal Agora, 27/04/2010).

A categoria de veteranos permite que se inscrevam jogadores com quarenta anos completos até a data de início da competição, mediante comprovação da carteira de identidade civil, proibindo o uso da identidade militar ou funcional. A medida tem como objetivo evitar a reincidência de casos com idades adulteradas, como já aconteceu em outras situações, com a

⁴⁷ Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, Associação Esportiva Santa Bárbara Futebol Clube, Associação Futebol Clube Mirim, Cassino Futebol Clube, Esporte Clube Santo Antônio, Grêmio Esportivo Nacional, Palmeira Futebol Clube, Real Nortense Futebol Clube, Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, Sociedade Recreativa e Esportiva Camponêz, União Esportiva Vilarreal e União Esportiva VR B.

⁴⁸ Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, Cassino Futebol Clube, Clube Atlético Saveiros, Clube Olímpico Raça, Confraria da Bola, Quinta Futebol Clube e Escola de Samba Vim pra Ficar.

diferença de até cinco anos a menos. Na categoria máster participam os jogadores que já completaram cinquenta anos, menos o goleiro:

Na categoria máster os goleiros poderão atuar com 40 anos completos, desde que estejam legalmente inscritos por qualquer entidade filiada participante da modalidade de veteranos – 40 anos, com total liberdade de atuação (Regulamento do Campeonato de 2010 da categoria máster, capítulo XVI, parágrafo 1º).

A exceção atribuída ao goleiro é uma prática bastante corriqueira nas competições que estabelecem um limite mínimo de idade. Stigger (1997/2), por exemplo, encontrou essa mesma situação privilegiada quando analisou um grupo de futebol de veteranos na cidade de Porto Alegre (Brasil). Em algumas competições, às vezes, o regulamento estabelece um número determinado de jogadores, geralmente 2 ou 3, que podem atuar com idade inferior. Um dos motivos é a dificuldade que os clubes encontram para completar as equipes exclusivamente com jogadores com idade mais avançada, nesse caso acima de 50 anos. A tendência em permitir a quebra desta regra ao goleiro deve-se ao fato dele se envolver menos em disputas de jogadas em que a diferença de idade possa representar uma grande vantagem perante o adversário.

A categoria de veteranos foi disputada em duas fases, a primeira com turno e retorno, todos contra todos, entre as doze equipes inscritas, classificando-se para a segunda fase, os oito primeiros colocados. Os quatro primeiros tiveram a vantagem de jogar por dois resultados iguais até o final da competição. As oito equipes disputaram quatro vagas em dois jogos no sistema “mata-mata”⁴⁹ com a combinação: 8º x 1º, 7º x 2º, 6º x 3º, 5º x 4º. Após esses quatro jogos, as quatro equipes concorreram a duas vagas pelo mesmo sistema: 4º x 1º e 2º x 3º. As duas equipes vencedoras realizaram a partida final da competição novamente em dois jogos⁵⁰ (Regulamento Veteranos-40 anos, 2010).

⁴⁹ Nesta forma de disputa os perdedores das partidas são eliminados da competição.

⁵⁰ A pontuação nas duas competições seguiu os critérios: vitória=3 pontos, empate=1 ponto e derrota=0 pontos. A partida final foi realizada entre as equipes do Piratiny (campeão) e Zodiaco (vice-campeão).



Figura 5: Comemoração do título do campeonato de 2010 conquistado pela equipe de veteranos do Piratiny F. C. ⁵¹ ⁵²

A categoria máster foi disputada em três fases, a primeira com turno e retorno, todos contra todos entre as sete equipes e os quatro primeiros colocados tiveram vantagem de jogar por resultados iguais até o final da competição, para critério de desempate nas outras fases. Os sete foram divididos em duas chaves: chave “A” formada pelos classificados em 1º, 3º, 5º e 7º; chave “B” formada pelos classificados em 2º, 4º e 6º lugares. Todos jogaram entre si, classificando três clubes em cada chave e formando duas novas chaves, a “C” e a “D”. Os dois clubes classificados de cada chave realizaram a etapa eliminatória de “mata-mata” e os dois vencedores realizaram a final em dois jogos⁵³ (Regulamento Máster-50 anos, 2010).

Os jogos aconteceram aos sábados à tarde, no horário das 15h30min. Quando um clube sedia dois jogos no mesmo dia, o jogo da categoria máster acontece na condição de preliminar, às 13h30min, e o de veteranos como “jogo de fundo”, às 15h45min.

⁵¹ O Piratiny disputou 84 partidas, somando 60 pontos, com aproveitamento de 71,4%, segundo estatística do Jornal Agora.

⁵² Fonte: acervo pessoal, 27 nov. 2010.

⁵³ A disputa final da categoria máster foi realizada entre as equipes do Vim pra Ficar (vice-campeão) e Quinta F.C. (campeão).

Visitamos os campos sedes de todas as equipes e observamos algumas particularidades que diferenciam um clube de outro. Uma delas é a ligação dos jogadores com as localidades, pois há aqueles times que são formados majoritariamente por moradores do bairro a que o clube pertence como é o caso da Associação Futebol Clube Mirim, que fica em um bairro de pescadores e a maioria dos jogadores são trabalhadores que sobrevivem da pesca. Noutros casos, há jogadores de diferentes localidades, como no Cassino F.C., que possui em seu plantel jogadores que residem na cidade de Pelotas, distante 70 km do Balneário Cassino.

Por priorizar a formação de uma equipe competitiva, inclusive aceitando jogadores de fora, o Cassino F.C. costuma ser alvo de brincadeiras como: “o Cassino tem muito boleiro”, “o Cassino é time de elite” (Trecho do Diário de Campo nº 29, 05/10/2010). Apesar dessas cobranças constituírem um tipo de “lei moral” estabelecida pelos próprios indivíduos que atuam no grupo e, geralmente, referirem-se a “atos singulares de indivíduos num determinado momento” (ELIAS E DUNNING, 1992, p.154-155), elas ajudaram a fazer com que os demais clubes criassem uma rivalidade especial com o Cassino F.C. e todas as vitórias sobre ele são sempre muito festejadas.

4.3 A LVRG: O SUPORTE ORGANIZATIVO PARA A COMPETIÇÃO

Nesse último item do capítulo, apresentaremos a Liga de Veteranos do Rio Grande, a partir da estrutura elaborada para a organização dos campeonatos. Tivemos como base a competição do ano de 2010 e trataremos aqui sobre a dinâmica de seu funcionamento e situações ocorridas nesse período.

Dentre os atributos organizativos da LVRG, chama atenção a multiplicidade de tarefas que precisam ser cumpridas para que os jogos, enfim, aconteçam. Toda a segunda-feira, às dezenove horas, ocorre uma reunião com os árbitros e, nas terças, também às dezenove horas, há uma reunião com os representantes dos clubes que fazem parte da competição. Os representantes geralmente são sujeitos que possuem um significativo pertencimento clubístico. São aqueles moradores que residem a mais tempo nos bairros onde ficam seus clubes e de alguma forma se destacam nesses locais tornando-se figuras de

referência. Geralmente eles possuem algum tipo de comércio, profissão, propriedade ou atividade comunitária ⁵⁴ que os faz serem reconhecidos por pertencer àquele ambiente.

Nessas reuniões, as principais atividades são: a inscrição de atletas e clubes na competição; a entrega dos carnês e dos regulamentos; a verificação de súmulas; o pagamento de taxas de inscrição e arbitragem; o controle dos cartões amarelos e vermelhos; a liberação de fichas e consulta à tabela de pontuação; a elaboração e divulgação do cronograma de jogos, os mandos de campo e a discussão sobre os julgamentos disciplinares.

As práticas organizativas da liga mostram a valorização que eles atribuem ao futebol de veteranos. Um exemplo disso está na inscrição dos jogadores, para a qual se exige uma cópia autenticada em cartório da identidade civil ou a apresentação da original junto com a cópia. De acordo com os diretores da liga, a medida foi tomada a partir de um episódio em que um clube fichou um atleta com um documento falso, que lhe dava três anos a mais do que ele tinha. A diretoria denunciou o caso à justiça comum e estipulou que o julgado não poderá mais participar das competições da liga.

Os representantes dos clubes aproveitam os encontros semanais para acertar detalhes dos próximos jogos, horário de chegada, uniforme, ajustes no campo e transporte. A maioria das conversas possui tons amigáveis (algumas nem tanto) e quase sempre continuam fora da liga. Eles também utilizam esses encontros para estabelecer contatos e fazer convites a jogadores e treinadores para que componham suas equipes na próxima edição da competição. Algumas conversas tratam de fatos de campeonatos anteriores e chama atenção o detalhe e a precisão com que certas jogadas são lembradas e narradas. Os lances de jogo também são constantemente relacionados a episódios do futebol profissional, principalmente da dupla gaúcha de maior destaque, Grêmio e Internacional (Diário de Campo nº 35, 03/11/2010).

⁵⁴ Como exemplo, um dos representantes do Zodíaco que se destacava nos jogos e reuniões havia sido jogador profissional de futebol, por isso, um orgulho para a comunidade e ainda foi um dos fundadores do bloco carnavalesco do bairro, do qual ainda participa na organização. Tanto o clube quanto o bloco são vinculados a Sociedade Esportiva e recreativa Zodíaco.



Figura 6: Participantes do campeonato máster, analisando possibilidades de futuros confrontos a partir da probabilidade de resultados.⁵⁵

Com a proximidade do final do campeonato, os participantes começam a elaborar as possíveis combinações de jogos e resultados, estudando as probabilidades das equipes de cada um chegar às disputas decisivas. Em uma das reuniões, o diretor dos árbitros se entrosou nessas previsões, emitindo palpites sobre possíveis resultados e combinações que ele considerava prováveis, demonstrando ter o conhecimento das colocações e pontuações das equipes. Esse momento “probabilístico” que acontece principalmente na sede da liga, aparece como uma das formas de sociabilidade daquele grupo que participa das reuniões de equipes, como membros representantes dos seus clubes.

Observo que os participantes montam várias possibilidades de final e semifinal, eles já definem ainda, quem tem e não tem chance, segundo cada um. Os raciocínios são extensos e, muitas vezes, ficava difícil acompanhar, eles envolvem variáveis como empates, vitórias e derrotas, saldo de gols e colocações nas chaves. Em meio a essas previsões, também surgem lembranças de outros campeonatos, sobre disputas acirradas com alcance de resultados improváveis e partidas com viradas que pareciam ser impossíveis (Trecho do Diário de campo nº 33, 26/10/2010).

⁵⁵ Fonte: acervo pessoal, 17 ago. 2010.

Alguns estão conversando sobre a próxima rodada e tecendo comentários sobre os próximos confrontos, os que serão mais ou menos acirrados, portanto, melhores ou piores para assistir (Trecho do Diário de campo nº 26, 28/09/2010).

Em algumas reuniões também presenciei os debates e discussões de assuntos não referentes ao futebol, como as reivindicações dos pescadores e o incentivo ao voto em candidatos a cargos políticos que mantêm alguma relação com a Liga ou que são incentivadores da prática do futebol de veteranos.

Os encontros na liga são momentos de reunião das equipes que, embora adversárias em uma competição, parecem pertencer a um mesmo grupo social. Para Elias e Dunning (1992, p.324), o “desporto proporciona a identificação de grupo” ou mais especificamente a “formação da idéia de se pertencer” a um grupo (ELIAS e DUNNING, 1992, p.324).

Para além do tempo-espço que é dedicado ao encontro do grupo, a maioria dos temas abordados também focaliza o próprio grupo de veteranos, ou seja, dentre os assuntos tratados na liga, os acontecimentos que marcam o próprio campeonato de veteranos são os mais corriqueiros. A cada rodada do campeonato produz-se mais “matéria-prima”⁵⁶ (GASTALDO, 2006, p. 05) para a interação entre os veteranos na sede da Liga.

Essa matéria ou conteúdo da sociação⁵⁷ (SIMMEL, 1983, p.166), que é produzida *por* eles nos jogos, é *para* eles uma das formas de interação entre os membros da Liga de diferentes equipes, “as formas engendradas pelos propósitos materiais da vida [...] tornam-se, elas mesmas, a finalidade e a matéria de sua própria existência” (SIMMEL, 1983, p.168).

Hoje eles comentaram sobre casos de fanatismos extremos por equipes participantes de campeonatos passados. E completam reclamando que hoje em dia, não há justificativa para que jogadores de um bairro saiam desse local para jogar em outros clubes, de bairros diferentes. Falaram muito sobre formação de times e comportamentos dos jogadores. Aqueles que não ouvem os que ouvem e não aceitam. Alguns não querem sair e reclamam de posicionamentos e estratégias táticas. Um dos treinadores, o do piratiny disse que eles chegam muito tempo atrasados, ele pede que cheguem na hora e eles não vem. Teve ate um jogo que

⁵⁶ No texto referido, Gastaldo trata do futebol profissional/espetacularizado, como tema da sociabilidade masculina e relata assuntos comuns tratados nesses momentos, como a compra e venda de jogadores, “relatos clínicos” detalhados sobre craques lesionados e especulações sobre resultados e colocações nas tabelas que são veiculados diariamente na mídia. A esses assuntos esportivos, o autor atribui a denominação de “matéria-prima” às interações de sociabilidade, principalmente, masculina em todo o país.

⁵⁷ Simmel designa como matéria da sociação tudo o que está presente nos indivíduos de modo a mediar influências sobre os outros e também receber influências. Tudo o que faz parte das realidades históricas das pessoas, manifestando-se através de impulsos, interesses, propósitos etc.

tava na hora e ele não tinha formado a equipe, e os caras chegam rindo, brincando, conversando e vão se fardar com toda calma do mundo .Relembaram muitos jogadores, inclusive aqueles já falecidos, comentando sobre suas formas de jogar, posições e especialidades, e até as causas de suas mortes e um pouco de suas histórias de suas vidas (Trecho do Diário de Campo nº 41, 23/11/2010) .

Nas segundas-feiras, a partir das dezenove horas, acontecem as reuniões de árbitros. Nesse encontro, eles entregam as súmulas dos jogos preenchidas e o presidente da Liga revisa e faz o pagamento da rodada. Observei que alguns deles utilizam essas reuniões para solicitar o auxílio de outros árbitros mais experientes para sanar algumas dúvidas que possuem quanto ao preenchimento da súmula, que é finalizada ali mesmo quando os mais experientes ajudam os novatos, com o objetivo de não deixarem, margem para “absolvições” (Diário de campo nº 28, 04/10/2010). Assim como ocorre nas reuniões dos representantes dos clubes, as de árbitros também são marcadas pelos comentários da última rodada do campeonato.



Figura 7: Na ponta da mesa está o coordenador dos árbitros auxiliando um novato, que iniciou naquele mesmo ano (2010), no preenchimento da súmula.⁵⁸

⁵⁸ Fonte: acervo pessoal, 04 out. 2010.

Em outro encontro semanal, geralmente, nas quintas-feiras, às dezenove horas, ocorrem os julgamentos dos atletas ou das equipes punidas pela arbitragem e pelo regulamento da competição. Nesses encontros, os jogadores e equipes têm a oportunidade de fazerem a suas defesas, visando minimizar ou suspender as penalidades indicadas. A LVRG procura seguir as indicações do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD).⁵⁹

Os encontros marcam a existência de subgrupos dentro da Liga, principalmente de equipes ou representantes de equipes, diretoria da Liga e os jogadores. Esses grupos não são isolados, existem várias intersecções na participação dos seus integrantes. Alguns membros acumulam funções na entidade e nos clubes através da participação voluntária.

Nem todos os filiados participam das reuniões que acontecem na sede da LVRG, alguns integrantes participam apenas dos encontros realizados pelas suas equipes nas sedes particulares, demonstrando maior envolvimento com seu clube do que com a LVRG. Aqueles que participam das atividades na sede da LVRG (árbitros, jogadores, dirigentes, presidentes ou treinadores) formam um grupo que possui maior envolvimento com a organização das competições.

Aproximamo-nos aqui, do que identificou Stigger (2002), quando constatou que mesmo dentro de um mesmo grupo existem diferentes maneiras de os integrantes se relacionarem com a mesma prática social, nesse caso, com o futebol de veteranos.

No contexto investigado pudemos observar os filiados que se apropriam do futebol com objetivos que lhes exigem dedicação mesmo fora daquele espaço-tempo formal da Liga de Veteranos, gerando assim outros compromissos que se vinculam a ela. Geralmente, eles buscam aumentar seu rendimento nas partidas através da melhora do condicionamento físico e com cuidados com o corpo de modo geral, organização das tarefas do campeonato (horários e documentação) e manutenção dos equipamentos de jogo individuais e coletivos. Enquanto isso, outros integrantes enfatizam a satisfação como finalidade, mais especificamente, das disputas na competição, e assumem o compromisso presencial apenas no horário semanal das partidas, mantendo contatos apenas com os representantes dos clubes, sendo sempre informados em casos de alterações ou avisos relativos à LVRG.

⁵⁹ O Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) pode ser considerado um sistema de normas tipificadoras de infrações e de regras procedimentais previstas para aplicação por comissões disciplinares e tribunais desportivos, amalgamando princípios que se ajustam às especificidades das atividades desportivas, notadamente no que tange à disciplina e às competições desportivas visando resguardar os ideais veiculados pelo esporte e “assegurar a justiça nas competições” (MELO FILHO, 2010).

5. O LAZER E AS CONDIÇÕES DE SOCIABILIDADE

De um modo geral, as pessoas buscam no lazer, a experimentação de uma situação de excitação agradável, que pode se assemelhar ao que sentimos em momentos “críticos sérios”⁶⁰, como incertezas, tensionamentos e desestabilidades. Mas, os momentos menos sérios, de lazer, por exemplo, possuem algumas qualidades específicas, como certo nível aceitável de inconseqüência diante do que poderá ocorrer (ELIAS E DUNNING, 1992).

Mesmo durante o lazer, na sociedade contemporânea, possuímos um elevado grau de autocontrole social e um autodomínio da excitação exagerada. Caso ocorra alguma situação de descontrole, o indivíduo poderá ser considerado anormal, pois

Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande freqüência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios. O controlo que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controlo – em parte – já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 103).

Considerando essas restrições que podem parecer invisíveis no nosso cotidiano, possuímos a liberdade de algumas escolhas que se apresentam em nossas vidas, mas mesmo essas, não são totalmente livres. Hoje não precisamos mais de excessivas formas de controles físicos, como no período em que emergiu o esporte na Inglaterra (final do XIX e início do XX), que estava bastante vinculado a necessidade de regulamentação e uniformidade, objetivando o abrandamento da violência na época (ELIAS E DUNNING, 1992).

Mas isso não significa que tenhamos deixado de ser controlados, pois somos intensivamente governados, em nossas subjetividades e relacionamentos. Portanto, por mais que possamos nos sentir livres nos momentos de lazer, nossos pensamentos, sentimentos e ações são socialmente organizados e administrados (ROSE, 1988).

A partir da livre escolha de se tornar um membro da LVRG como uma possibilidade de lazer, os filiados assumem compromissos e também diferentes condições de interação com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo de interesses. Essa união através de opções

⁶⁰ Podemos considerar dentre os momentos críticos sérios, uma entrevista ou processo seletivo de emprego, por exemplo. Para Elias e Dunning, em comparação com as sociedades menos desenvolvidas, nas industriais mais avançadas são menos freqüentes os casos de excitação dos indivíduos diante de um momento crítico sério.

semelhantes, nesse caso, o futebol de veteranos, cria uma unidade. Para Simmel (1983), os dados de qualquer realidade histórica presentes nos indivíduos, capazes de engendrar ou mediar influências sobre os outros, pode ser chamado de conteúdo/matéria da sociação.

Em si mesmos, essas matérias com as quais a vida é preenchida, as motivações que a impulsionam, não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados de inteligência são sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser *com* e *para* um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses (SIMMEL, 1983, p.166).

A constatação de que os indivíduos estão organizados em uma unidade, como a LVRG, não garante que haja sociabilidade no grupo. As interações autônomas dentro das diferentes disposições que constituem a LVRG criam condições de sociabilidades. A sociabilidade pode ser entendida como a “forma lúdica da sociação” (SIMMEL, 1983, p.169).

Percebemos, assim como Gastaldo (2006), certa proximidade entre a noção de sociabilidade e os conceitos de jogo propostos por Huizinga (2008) e Caillois (1990). Chamamos a atenção aqui para uma das características atribuídas ao jogo e a outros exemplos de sociabilidade, que é o “sentido que há na própria ação”, ou seja, são atividades que possuem objetivos inseridos nelas mesmas, transcendendo as necessidades imediatas da vida.

Relacionado a essa característica de sociabilidade, encontramos em Da Matta (1994) uma posição interessante sobre o esporte no Brasil, em especial o futebol, que é uma dentre outras formas que consideramos ser de sociabilidade. Segundo o autor, esse “velho esporte bretão” passou a enfatizar o desempenho e assim produzia democraticamente ganhadores e perdedores e não estavam em jogo ali os nomes, a honra ou a vergonha dos competidores. “Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós (DAMATTA, 1994, p.12).”

Essa posição assumida por DaMatta se diferencia da crítica que entendia o esporte como reprodutor e incentivador das atitudes capitalistas. Para ele, a tese de que o esporte é instrumento de alienação não deve ser totalmente descartada, mas deve ser criticada enquanto idéia elitista e preconceituosa em relação às manifestações das classes populares (VAZ, 2002).

Com isso, as atividades esportivas como um todo e, integrando elas o futebol, “permite ritualizar a competição, o que vai estabelecer ou reafirmar os melhores e os piores, os ganhadores e os perdedores, os primeiros e os últimos, dentro de um quadro estratificado que o credo igualitário tende a mistificar e esconder (DAMATTA, 1994, p. 14).” Assim, no momento da competição, parece haver um reconhecimento paralelo sobre o que cada um “possui”, deixando de lado então seus bens, cargos, formação etc. Sobre isso, um dos entrevistados comentou que a participação nos jogos da LVRG é

muito importante ,porque é um meio onde tu faz amizade com todo mundo, não tem o gerente de empresa, o gerente de banco, dono de empresa, todo mundo chegou ali no futebol é todo mundo igual. Então, é isso aí que eu gosto muito (Entrevista – MACEDO, 13/10/2011).

Considerando a liga de veteranos um único grupo, podemos afirmar que todos os associados se unem através de um interesse comum: o futebol. Porém, dentro da liga se criam grupos de sociabilidade, com interesses distintos e, às vezes, até mesmo conflitantes. Principalmente, quando se trata das maneiras de conduzir as formas de controle, como as punições da JDD, que podem afastar jogadores das partidas ou, em casos extremos, até bani-los da LVRG. Ou seja, existem visões/entendimentos diferenciados sobre o significado dessa atividade em suas vidas: para alguns, é um divertimento com pouca seriedade e, para outros, é uma competição rigorosa e extremamente séria.

Encontramos em estudos, como em “Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem”, do sociólogo Roger Caillois, e “Homo Ludens: O jogo como elemento da Cultura”, do historiador Johan Huizinga, alguns elementos para subsidiar nossa análise, como as noções de jogo, festa e julgamento, que estiveram presentes a todo instante e foram identificados durante o período de convivência com os veteranos na liga.

5.1 O JOGO, AS FESTAS E OS JULGAMENTOS

Observamos no futebol de veteranos, algumas das características atribuídas por Huizinga (2008) e Caillois (1990) aos jogos, portanto, nos permitimos considerar algumas delas para nos ajudar a pensar esta prática esportiva desenvolvida pelos indivíduos que circulam em torno da LVRG.

Huizinga acreditava ser impossível elaborar uma definição exata do jogo a partir de terminologias biológicas, lógicas ou estéticas, já seria o bastante se conseguíssemos descrever suas principais características. Assim, o autor delimitou a sua interpretação, dedicando-se àqueles jogos que representam manifestações sociais, diferenciando-os daqueles que considera primitivos, por isso, segundo ele, resistentes a qualquer análise. Chegando, então, a uma possível definição, onde o jogo seria

uma atividade livre, conscientemente tomada como não-séria” e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material,⁶¹ com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 2008, p.16).

Caillois contesta a análise de Huizinga, em algumas de suas afirmações, mas reconhece sua extrema relevância. O autor discute as características criadas até então e busca aprofundá-las, para então, deixá-las de lado quanto ao que as diferencia do restante da realidade e passa a analisar as características que distribuem os jogos em grupos originais: competição (*Agôn*), sorte (*Alea*), simulacro (*Mimicry*) e vertigem (*Ilinx*).

A partir destas importantes conceituações podemos pensar no esporte incluso em uma das rubricas dos jogos, como por exemplo, a da competição, destacada por Caillois. Algumas manifestações do esporte, pensando agora especificamente no futebol de veteranos da liga, podem estar representadas na definição mais ampla de jogo proposta por Huizinga e, por isso, se relacionam com muitas de suas características. Como, a liberdade de participar ou não do grupo de veteranos, a atividade tomada como não-séria, por alguns, e especialmente diferenciada da vida habitual, a capacidade de consumir um participante de modo intenso, o desinteresse material, as singularidades existentes dentro dos limites de espaço e tempo próprios, e o seguimento de certa ordem e regras.

Além das aproximações do futebol dos veteranos com os conceitos de jogos trabalhados até o momento, percebemos, ainda, vínculos entre outras atividades realizadas no grupo de veteranos, com noções relacionadas às formas de jogos presentes nas sociedades, como as festas e os julgamentos.

⁶¹ Caillois (1990) discorda desta característica colocada por Huizinga, pois desta forma ele está desconsiderando os jogos de azar.

Existem entre a festa e o jogo, naturalmente, as mais estreitas relações. Ambos implicam uma eliminação da vida cotidiana. Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade. Em resumo, a festa e o jogo têm em comum suas características principais (HUIZINGA, 2008, p.25)

As festas ⁶² referentes ao campeonato da Liga de Veteranos, geralmente acontecem ao longo de sua duração, nos próprios clubes, após as partidas. Também não podemos dizer que durante as próprias partidas não aconteçam “verdadeiras festas” ainda nos gramados. Como considerou DaMatta (1994), no esporte é possível existir uma aura momentânea semelhante a uma festa popular, que não exige um controle rigoroso e confunde atores e espectadores; ao mesmo tempo, é possível coexistir algo semelhante a uma apresentação erudita, onde a platéia e o espetáculo estão demarcadamente separados.

Na maioria das partidas observamos uma forte interação dos espectadores com os jogadores, ainda dentro do campo de jogo. Em uma partida no campo do Mirim, localizado na Barra⁶³, presenciamos muitas pessoas assistindo ao jogo e gritando incentivos e dicas aos jogadores, que eles chamavam pelos nomes e, muitas vezes, aqueles respondiam (Diário de Campo nº 19, 18/09/2010).

Os lances de escanteio eram praticamente confraternizações em que os jogadores aproveitavam para cumprimentar outros jogadores, torcedores e arbitragem, principalmente os bandeirinhas, que e ainda faziam comentários sobre a cobrança (Trecho do Diário de Campo nº 36, 06/11/2010).

Um jogador do time de Santa Tereza veio cobrar escanteio e se queixou com o bandeirinha sobre a falta de espaço aliada à idade: “bola pesada, 40 anos e pouco espaço, aí não dá!” Aquele escanteio acabou resultando em gol indiretamente, então, na próxima vez que o mesmo jogador veio cobrar, comentou com o bandeirinha: “eu tentei chutar em gol aquela hora, mas não deu certo, vou tentar fazer de novo e se eu fizer o gol vou te abraçar (risos)!” (Trecho do Diário de Campo nº32, 23/10/2010).

⁶² Consideramos festas as ocasiões em que os veteranos se reuniam para comemorações de resultados dos jogos, de encerramento do campeonato e “churrascos” para reunir as equipes.

⁶³ A Associação Futebol Clube Mirim possui sede na 4ª Secção da Barra, uma comunidade formada majoritariamente por pescadores.

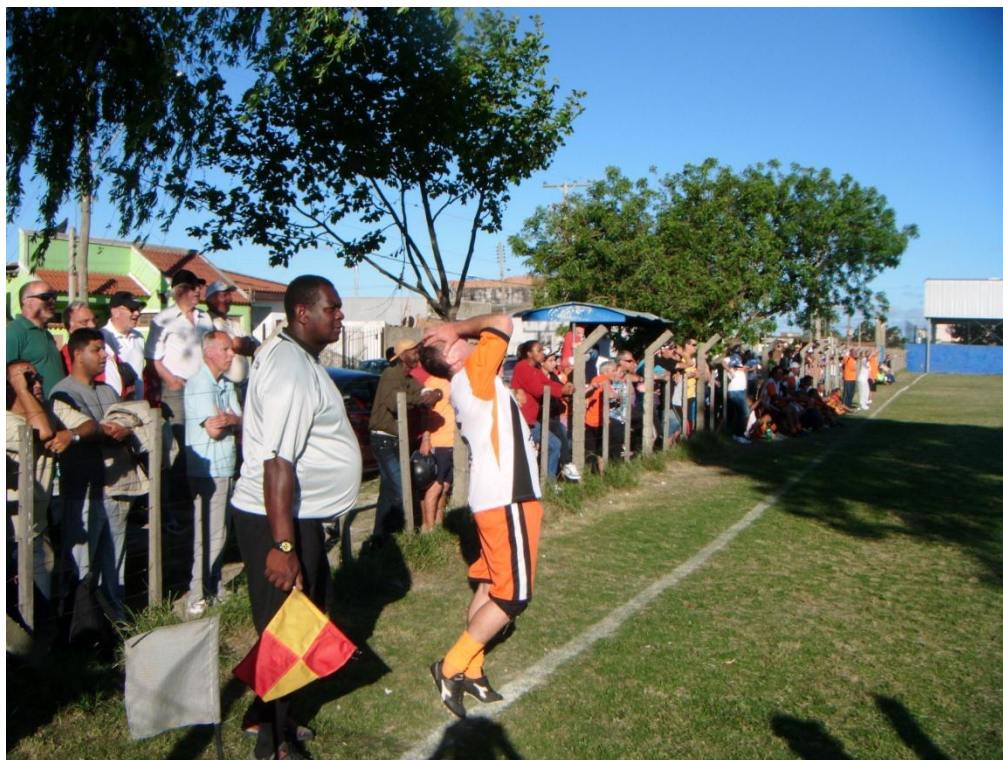


Figura 8: Jogador do Zodíaco se lamentando pela equipe ter perdido o gol depois de cobrar seu segundo escanteio seguido.

Após os jogos do campeonato da Liga, muitas equipes se reúnem em espaços particulares para um “*churrasquinho*” e uma “*cervejinha*”. Aproveitam esses momentos para avisos e combinações para o próximo jogo, já que é muito difícil reunir a equipe entre o período de um jogo e outro do campeonato. A “*reuniãozinha*” é preenchida com muita conversa sobre o jogo que acabou e sobre os outros resultados da rodada (*Entrevista – LOPES; MACEDO, 2011*).

Além disso, ao final de cada campeonato, a Liga organiza uma festa de encerramento com a entrega das premiações às equipes e jogadores das duas categorias, máster e veteranos. Nessa ocasião são entregues os troféus à equipe mais disciplinada, ao goleiro menos vazado, ao goleador da competição, à equipe campeã, à vice- campeã, ao terceiro e quarto colocados.⁶⁴

⁶⁴ Em 2010 não houve festa de encerramento por falta de “apoio governamental para a premiação”, segundo o atual presidente da liga, o senhor Dias. Em 2011 a festa foi realizada no dia 19 de dezembro, na Sede Social da Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube. Estiveram presentes alguns convidados, como representantes políticos do município do Rio Grande e veículos de comunicação como a Rádio Furg FM - Programa Esporte Show, a Rádio Cassino AM - Programa Giro do Esporte e o Programa Pauta Esportiva (canal 7 da Viacabo e canal 14 da Net) e o Jornal Agora que divulgou o evento sob o título: “Liga de Veteranos Encerra Ano Esportivo



Figura 9: Festa de encerramento e entrega das premiações referentes ao campeonato de 2011 da Liga de Veteranos do Rio Grande.⁶⁵

Por fim, estreitando relações com o jogo, estão os julgamentos, que podem ser considerados uma forma de competição e de representação *do outro*, além de caracterizar, na liga de veteranos, um momento de sociabilidade, encontro e troca de informações. Ao participarem de um julgamento⁶⁶, os envolvidos (jogadores, treinadores, dirigentes ou árbitros) que forem denunciados ou testemunhas, devem estar preparados para se defender perante a banca, que é composta pelo presidente da JDD (Junta Disciplinar Desportiva)⁶⁷, um procurador, um secretário e auditores/relatores.⁶⁸

em Grande Estilo”. Eu também fui convidada para essa festa e mereci o agradecimento da liga pelo meu trabalho, um de meus textos em formato de pôster foi exposto ao lado dos troféus.

⁶⁵ Fonte: acervo pessoal, 19 dez. 2011.

⁶⁶ Os julgamentos correspondem a tarefa da Liga de administrar o esporte, exercer a disciplina esportiva, fiscalizando e executando os regulamentos e punindo os infratores aplicando principalmente o CBJD (Estatuto da LVRG, Cap. XVII, Art. 80).

⁶⁷ Escolhido pela diretoria executiva da Liga, para exercício de um ano, tendo início concomitante ao campeonato promovido pela LVRG.

⁶⁸ Ao presidente cabe coordenar os julgamentos, inclusive designar data e hora, com direito a voto. O procurador é quem oferece as denúncias nos casos previstos na legislação, elabora parecer e defende os interesses da LVRG. Este último deve fiscalizar e fazer cumprir os regulamentos das competições denunciando as irregularidades. O secretário fica responsável pela ata. Os relatores, por sua vez, após analisarem os casos elaboram seu parecer e votam pela punição especificando-a de acordo com o CBJD, ou pela absolvição dos sujeitos justificando-a.

Portanto é imprescindível, tanto nas defesas quanto nas acusações, que eles conheçam minimamente a legislação esportiva. Procurando assim argumentos, no caso dos acusados, para reduzir ao máximo a punição que lhes couber, ao serem “enquadrados” em algum artigo do CBJD, e no caso de quem fez a acusação, para que se cumpra a punição prevista na legislação para aquele caso. As penas podem variar desde uma advertência (pena mínima), até a desfiliação ou desvinculação do jogador da LVRG. A suspensão de jogadores por uma partida foi a medida mais recorrente tomada nos julgamentos observados no ano de 2010.

Assim, os “denunciados” procuram elaborar suas argumentações, com a ajuda de colegas de equipe, que muitas vezes são advogados. Além da sua própria defesa, o denunciado tem a possibilidade de apresentar duas testemunhas e utilizar outras fontes (documentais, escritas, imagéticas, etc.). Naquela situação peculiar, os veteranos se comportam de maneira diferenciada, fazendo-nos lembrar

Os juízes que vão ministrar a justiça saem da vida “comum” no momento em que vestem a toga e colocam a peruca. Não sei de essa indumentária tradicional dos juízes e advogados ingleses foi objeto de alguma investigação etnológica. Parece-me que ela pouco tem haver com a moda da peruca predominante nos séculos XVII e XVIII [...] Todavia, a peruca do juiz é mais que uma relíquia de um traje oficial antiquado. Sua função tem um profundo parentesco com a das mascaradas de dança dos povos primitivos. Transforma quem a usa em outro “ser” (HUIZINGA, 2008, p. 89).

Observamos que mesmo sem a indumentária citada no excerto acima, foram perceptíveis, sobretudo os desejos daqueles que se defendiam, com o objetivo da isenção da pena, como se fosse outro tipo de jogo a ser vencido, assim como era notável a satisfação no caso das conquistas. Assim como fizeram parte dos julgamentos, em muitas ocasiões, há a adoção de um personagem temporário e às vezes até mais de um, como no caso de um julgamento em que o presidente da banca julgadora pediu licença e passou a defender o time do qual faz parte e, em seguida, retornou a sua posição inicial (Diário de Campo nº 38, 11/11/2010).



Figura 10: Discurso de defesa com auxílio de gestos e desenhos.

O julgamento é, tu tem, se tu tem 5 membros da mesa, tem 5 membros torcendo diferente. Os acusados vêm, embora sabendo o que fizeram, que estavam no jogo vendo o que fizeram, mas eles conseguem vim pra cá e te dizer que não fizeram, e trazer uma pessoa que tava junto com eles e dizer que eles não fizeram. E tu sabe que isso aí é réu, tem direito de defesa e ninguém pode proibir nem coibir, então, não tem. Todo mundo diz muitas vezes pra nós, porque é que vocês não fazem um regulamento que já bota no regulamento, que pegou no joelho são tantos jogos, pegou na coxa... Não tem ninguém provando isso lá fora, não vai ter como tu fazer isso. A gente não pode ser injusto com algumas coisas (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

Os julgamentos na liga de veteranos são considerados extremamente relevantes por uma grande parte dos filiados e árbitros, que acompanham freqüentemente os cansativos processos deliberativos. O andamento do campeonato, muitas vezes, depende dessa etapa semanal, que é bastante rigorosa e de certa maneira atribui noções de seriedade à organização do futebol de veteranos. Por conta disso e principalmente do vínculo com dimensões proporcionais de seriedade e valorização, a LVRG passou a ser “reconhecida” na região e atualmente executa julgamentos também no campeonato do município de São José do Norte.

5.2 AS DISPUTAS ENTRE O DIVERTIDO E O SÉRIO

A partir do futebol de veteranos existem pelo menos duas opções de compreensão dos sentidos atribuídos às atividades por seus filiados. Percebemos a existência de certo tensionamento em relação ao objetivo pelo qual aqueles veteranos participam da Liga. A partir desse dado, resolvemos trabalhar com a existência desta disputa e enxergá-la como maneiras diferentes de perceber e se colocar em um mesmo grupo, não como formas opostas ou contraditórias, mas analisar como elas convivem nesse ambiente e produzem formas de agir e pensar a/na LVRG.

Alguns jogadores que participam do campeonato aos finais de semana, mais especificamente aos sábados, compõem o grupo que identifiquei como “campo” e consideram que jogar o futebol de veteranos na Liga é um divertimento e que não haveria necessidade de tantas formas de controle, de punições rigorosas ou de um regramento muito rígido. Através de alguns relatos pudemos identificar que esses integrantes, embora se dediquem e se comprometam com as partidas, não desejam assumir outros compromissos referentes à Liga. Para eles, a satisfação está, principalmente, em se divertir naquele momento do jogo e nas comemorações relacionadas às disputas. O fato de serem exigidos por outras demandas e obrigações poderá reduzir o sentimento vinculado ao futebol de veteranos para esses jogadores, que é de divertimento e satisfação.

Houve um protesto de um jogador questionando: o nosso objetivo não é se divertir? Então, o presidente interveio dizendo que se ele quisesse fazer alguma reclamação deveria ser por escrito. Então, o primeiro reforçou que eles precisavam ser mais tolerantes e reclamou de tanta rigurosidade. Perguntou ainda, se tinha mesmo que formalizar isso que eles estavam falando ali, conversando informalmente (com certa indignação). Então, obteve uma resposta afirmativa “sim, traz pra mesa” (Trecho do Diário de Campo nº 15, 24/08/2010).

Esses participantes defendem que o futebol de veteranos da Liga seja menos rigoroso, pois acreditam que assim a atividade será mais divertida. A partir deste princípio, eles reivindicam, em diferentes momentos, a redução de algumas formas de controle, como o aumento do prazo para inscrição de jogadores, punições mais brandas nos julgamentos e uma arbitragem mais complacente.

E por causa dos controles perdemos doze pontos, nos tiraram doze pontos. Até essa é uma das coisas que eu tenho que falar, que inclusive ano que vem quando a Liga fizer a reunião para montar o regulamento eu vou sugerir: a perda de ponto só se tiver jogador mal escrito, ou se eu botar jogador suspenso pra jogar [...] mas porque assinou mal uma súmula ou porque o cara tava suspenso como atleta e ficou lá de treinador. [...] Isso aí é uma das coisas que a gente vai debater muito com a Liga, pra mudar essa atitude com relação...tem que ver que o cara, que o veterano, esse amador, tu tá jogando mas tu tá com outras coisas em...de repente tu passa por dentro do campo, então, pô vai ser expulso, não dá né? (Entrevista – MACEDO, 2011).⁶⁹

Outros filiados se vinculam ao futebol de veteranos principalmente por meio da LVRG, e participam semanalmente das reuniões, julgamentos e auxiliam nas tarefas organizacionais, estruturais ou burocráticas. Esses sujeitos participam mais frequentemente dos encontros extra-campo, ou seja, eles encontram frequentemente os companheiros de Liga e tratam, na maioria das vezes, de assuntos relacionados ao futebol, como a disponibilidade e condições dos campos, os horários dos jogos, a tabela da competição, atuação dos árbitros, etc. Funcionando até mesmo como certo tipo de “ponte”, para que os temas tratados e decididos na Liga cheguem aos clubes.

Assim percebemos que nesse segundo perfil do grupo, há uma grande valorização da rigorosidade no tratamento das regras e dos comportamentos disciplinares nesse futebol, caracterizando a noção de seriedade que atribuímos a esse modo de participação dos veteranos. Por essa particularidade, a Liga se tornou reconhecida na região, servindo de exemplo para outros municípios.

Nós somos os pioneiros. Essa honra a gente vai guardar conosco [...] Como vem muita gente de Bagé pra cá, foi a primeira a criar um campeonato de futebol de veterano [...] Me convidaram para entregar o troféu e discursar sobre como é o nosso futebol. Eu sei que eles começaram por nossa causa, porque alguns atletas vinham aqui no verão e viam que aqui tinha uma organização (Depoimento – Dias, 21/03/2011).

⁶⁹ Um fato bastante singular ocorrido durante o campeonato de 2010 foi o falecimento do jogador Carlos Emanuel Souza (Carlão)⁶⁹ durante uma partida pela categoria máster. Em função do ocorrido, a partida foi suspensa (os outros jogos permaneceram em andamento). Posteriormente, a partida foi retomada, respeitando o placar e o tempo de jogo que já tinha transcorrido (Trecho do Diário de Campo nº 12, 10/08/2010).

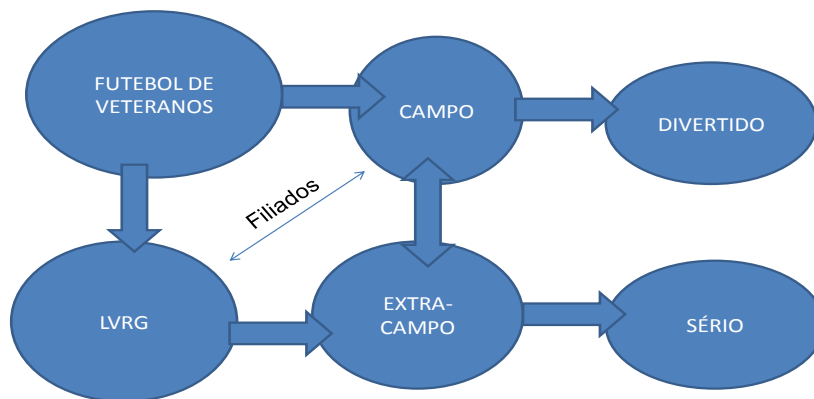


Figura 11: Esquema sobre a seriedade e o divertimento na LVRG.

Em nossa sociedade atual, as atividades que se opõem ao caráter sério da vida podem ser consideradas fúteis, principalmente porque nos mantêm afastados das tarefas produtivas (CAILLOIS, 1990). No entanto, as atividades de lazer e/ou de sociabilidade podem ser extremamente sérias, ou seja, compenetradas e sem risos. Portanto, enquanto uma das possibilidades de lazer e sociabilidade presentes na Liga de veteranos, podemos trabalhar com essa aproximação compreendendo que

É lícito dizer que o jogo é a não-seriedade, mas esta afirmação, além do fato de nada nos dizer quanto às características positivas do jogo, é extremamente fácil de refutar. Caso pretendamos passar de “o jogo é a não-seriedade” para “o jogo não é sério”, imediatamente o contraste tornar-se-á impossível, pois certas formas de jogo podem ser extraordinariamente sérias (2008, p.08).

Nas atividades desempenhadas dentro da LVRG, consideramos que o principal ingrediente é o próprio jogo de futebol, quando nos parece que não há tanta disparidade nas intenções em relação prática, ou seja, os motivos pelos quais eles estão jogando e o que eles buscam no mesmo jogo parecem ser semelhantes naquele momento. Nas tarefas que envolvem principalmente o extra-campo, é que percebemos mais claramente a existência desses dois perfis, por vezes, paradoxais: um deles onde há intensa dedicação à organização dos jogos do campeonato, ao cumprimento das regras e às punições, aproximando-se do

futebol profissional e, o outro, em que se prioriza a sociabilidade e o divertimento do grupo, igualmente, séria, porém, isenta de um alto nível de rigorosidade.

Essas duas maneiras de vivenciar o futebol de veteranos não se apresentam dicotomicamente, elas convivem em constantes tensionamentos, que poder ter se originado do próprio controle rigoroso das tensões. Elias e Dunning (1992) nos lembram que “a contenção de sentimentos, no sentido de alguém preservar um controle regular firme e completo dos impulsos, afetos e emoções é um fator de origem de novas tensões (p. 69)”.

5.3 ATIVIDADES E ENCONTROS EXTRA-CAMPO

Além dos encontros na própria Liga e dos jogos, alguns sujeitos envolvidos com o futebol de veteranos costumam encontrar-se também para outras atividades de lazer, na maioria, relacionadas ao futebol, como assistir pela televisão as partidas das equipes pelas quais eles torcem e ir aos estádios dos clubes da cidade de Rio Grande: Sport Club Rio Grande e Sport Club São Paulo⁷⁰.

Ontem mesmo nós estávamos numa arquibancada, porque não tem como tu chegar num campo de futebol profissional que não vá ter boleiros do nosso veterano (Depoimento - DIAS, 21/03/2011).

Outro local aonde eles se reúnem é a sede da Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, que fica próxima à Praça Saraiva, na Rua Bento Gonçalves nº 253, na maioria das vezes, para assistir ao futebol pela televisão. Esses encontros entre membros da Liga, mesmo fora dos espaços em que ela se organiza e desenvolve, assinalam a constituição de um “pedaço”⁷¹ (MAGNANI, 1984) que existe sempre que houver veteranos da LVRG em qualquer tempo-espaço.

Além destas atividades, para melhorem suas condições físicas, alguns jogadores realizam, durante a semana, alongamentos, caminhadas, musculação e corridas. Em 2010, com o apoio da LVRG, uma academia da cidade elaborou um modelo específico de

⁷⁰ São esses os dois clubes de futebol profissional em atividade, no ano de 2010, em Rio Grande.

⁷¹ Para Magnani, o “pedaço” designa um espaço localizado entre a casa e a rua, o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade mais ampla do que a familiar e mais “densa, significativa e estável” do que as relações formais da sociedade (p.116).

treinamento para o futebol amador, denominado “Futebol Fitness”⁷². Isso mostra que além de levarem “a sério” os jogos de futebol muitos deles realizam outras atividades físicas durante a semana, procurando melhorar sua condição física para os jogos dos fins de semana.

Outra atividade extra campo desenvolvida pelos participantes da LVRG se refere àquelas dos “treinadores”. Um destes destacou que ele realiza “pesquisas de jogadas” e freqüenta “palestras técnicas de futebol”. Ele comentou que participa de cursos, palestras e acompanha debates e programas esportivos de rádio etc.:

Eu gosto porque eles concentram olhando numa questão de um posicionamento que tu às vezes olhando o jogo não tá vendo (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

Alguns treinadores consideram que seria importante realizar ao menos um treino entre cada rodada do campeonato, porém, acreditam que seja inviável tendo em vista que a maioria dos jogadores trabalha e os horários são incompatíveis. Apesar dessas dificuldades de conciliar o tempo disponível na semana, algumas equipes mantêm horários destinados a uma reunião, um encontro mais particular do time. Segundo um dirigente, seu clube se reúne todas as quintas-feiras para fazer uma análise dos jogos e da arbitragem, bem como, para conversar com os atletas. Esse momento é considerado importante para a organização da equipe:

Seguido a gente faz uma reunião, para saber aonde tá, e se tá errado, aonde tá certo. Pra conversar né, para botar os pontos nos ‘is’” (Entrevista – LOPES, 09/09/2011).

Outra questão que chamou nossa atenção foram as estratégias que os sujeitos envolvidos com o futebol da LVRG utilizam para resolver os problemas cotidianos de seus clubes, como o deslocamento, os fardamentos, a disponibilidade dos jogadores e as condições estruturais do campo. Não há nos clubes uma pessoa especificamente responsável por todos esses assuntos, o que existe é um comprometimento de várias pessoas para resolverem as pendências que aparecem.

⁷² Folder divulgado na liga em anexo (p. 101).

Conversei com um senhor que representa o time Saveiros que é máster... A equipe Saveiros fica no Parque Marinha e existe há 12 anos. Ele falou das “funções” que eles mesmos se atribuem para que tudo saia bem e comentou que “dizem” que esses jogos são de velho. Contou que na sexta-feira ele Liga para todos integrantes do seu time, para saber como estão e se tá tudo certo para o dia seguinte. Ele mesmo leva pra casa todo o fardamento e lava. E não é a mulher dele, enfatizou, sou eu mesmo porque ela trabalha. Eu coloco a camisa e o calção na máquina e as meias têm que esfregar uma por uma. Aí eu começo (mostrou como esfrega) e eu chamo ela para me ensinar, mas eu tive que aprender. Eles (o time) já gastam muito com os juízes e inscrição. (Trecho do Diário de Campo nº 9, 08/06/2010)

Em um dos jogos que acompanhamos em São José do Norte, no campo do Bento Futebol Clube, os próprios jogadores chegaram mais cedo, cortaram alguns galhos e pintaram o campo. Quando os jogos são realizados nessa cidade ou quando a equipe do Real Nortense Futebol Clube vem jogar em Rio Grande há uma preocupação maior com o transporte, pois a travessia entre São José do Norte e Rio Grande é feita de lancha. Muitas vezes, é o próprio treinador que auxilia nos imprevistos que aparecem, como a falta de transporte entre o terminal hidroviário e o local do jogo, tanto em São José do Norte quanto em Rio Grande:

Temos que saber se o cara tá indo, tu tem que ir lá pegar eles na lancha (Entrevista – DIAS, 21/03/2011).

Ao final dos jogos, geralmente, são os próprios jogadores que estavam em campo que retiram as redes, recolhem as bandeirinhas e as bolas, demonstrando um pouco dos cuidados deles com os pertences de seus clubes. Um campo bem apresentado, com as marcações e com um gramado bem cuidado também é motivo de orgulho para eles. Nas reuniões da Liga com os representantes das equipes, o estado dos campos é um tema freqüente; o clube que mantém um campo em bom estado é reconhecido pelos demais e elogiado, mas se o campo está muito ruim ele vira motivo de gozação e de reclamações.

Assim, identificamos a LVRG enquanto um tempo-espço de lazer, que propicia o encontro de seus integrantes em diferentes ocasiões, que promovem a sociabilidade. Momentos estes que não acontecem apenas nos jogos de futebol, mas também nas festas, julgamentos, atividades e encontros extra-campo. Nessas situações foram observados dois posicionamentos diversos em relação às formas de controle da Liga: um que apóia incondicionalmente a aplicação do regimento e outro que defende a existência da possibilidade de algumas exceções a essas regras.

6. SINGULARIDADES FUTEBOLÍSTICAS NO CAMPEONATO DE VETERANOS 2010

Uma das características marcantes do futebol da Liga que analisamos foi a forte presença da competição nas disputas futebolísticas. Os jogos de futebol que acontecem pelo campeonato da Liga de Veteranos demonstram intensidade, excitabilidade e um desejo coletivo (equipe) pela vitória. Elias e Dunning já consideravam que a orientação para a competitividade seria dominante no esporte moderno, observando uma “tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados (ELIAS E DUNNING, 1992, p.299)”. Conseqüentemente, os autores observaram que com esse direcionamento para a competição, as atitudes amadoras acabariam se enfraquecendo e dando lugar, cada vez mais, às estruturas e valores profissionais.

A organização do campeonato (regramento, estatuto, fases da competição, premiações), aliada à seriedade e competitividade com que os jogadores disputam os jogos e à utilização de noções táticas de parte dos treinadores, mostra como o futebol da LVRG é uma prática que busca inspiração e, em muitos aspectos, assemelha-se ao profissional.

Dentre as semelhanças está a busca pelo rendimento máximo e, portanto, da produtividade. Próximo a isso, Spaggiari (2008) procurou compreender as singularidades das performances e rendimentos esportivos dos praticantes popularmente identificados como amadores. Esse autor faz considerações sobre os ideais de produtividade presentes nesse contexto e, entre outras questões, destaca a competição como aliada da satisfação e não em oposição a ela.

No grupo observado, como na sociedade atual, o utilitarismo é, na maioria das vezes, compreendido como um valor (DAMATTA, 1994), fazendo com que aqueles jogadores ou treinadores que produzam mais ou possuam (ou tenham possuído em algum tempo passado) um maior “capital futebolístico”, isto é, maiores habilidades em campo, seja mais visibilizados no ambiente da Liga de Veteranos. Um exemplo são os jogadores que foram profissionais na sua juventude e hoje atuam como veteranos.

Entre os jogadores das duas categorias da LVRG, há uma série de ex-profissionais, que são motivo de orgulho para o grupo, sendo constantemente citados como exemplos. Consultando as fichas dos 1.234 jogadores filiados à Liga até final de 2010, identificamos 75

ex-profissionais. Além desses, há um jogador que por ser pai de um jogador profissional em atividade também é bastante lembrado.⁷³

Além disso, Dias (2011) evidenciou algumas características específicas do futebol de veteranos, que, segundo ele, diferenciam esse dos outros futebóis.

O futebol [de veteranos] é mais bonito e não é aquele “peladeiro”. Tem momentos do futebol amador [de novos] que tu olha e na metade do campo não tá ocupado! Tá totalmente, tá tudo nuns montinhos, é que nem tu pegar criança no recreio sabe, é como pegar criança com uma bola no recreio. Entrega uma bola pra eles e então todo mundo vai lá e quer dar um chute naquela bola, aí tu vê o campo tá todinho vazio e naquele canto tem dez (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

6.1 TREINADORES OU “ENTREGADORES DE CAMISETA”?

Destacaremos, nesta análise, a figura do treinador, principalmente, por causa da aparente proximidade que existe entre as funções dele e dos outros participantes (jogadores e dirigentes) durante os jogos. Assim, passamos a estudar as especificidades que marcam a existência desse papel dentro da Liga e porque ele se assemelha com os outros, a ponto de se tornar indistinguível no momento das partidas.

Apesar desta peculiaridade, nenhum time pareceu em algum momento considerar dispensável ter um treinador para sua equipe. Essa presença no futebol de veteranos se torna um indício de proximidade com a prática profissional. No entanto, os próprios representantes dessa função, na Liga, diferenciam suas ações daquelas dos de alto rendimento e, embora utilizem a denominação idêntica, eles se dizem “entregadores de camiseta”, sem que isso seja, de maneira alguma, depreciativo em relação ao papel de treinador. Pelo contrário,

O profissional ele tem, o treinador ele tem todos os jogadores concentrados, ele só erra se quiser. Agora eu não posso te dar o meu time hoje, que vai jogar amanhã, porque eu não sei se o fulano que eu tenho escalado vai vir... Eles têm tudo na mão pra não errar e conseguem errar, aí se chama muita burrice, é!(Entrevista – LOPES, 09/09/2011).

⁷³ Esse levantamento foi realizado com o auxílio de três componentes da gestão atual da LVRG. Reunimo-nos na sede da liga e passamos ficha por ficha de todos que participaram do campeonato de 2010. A cada ficha surgiam relatos de histórias de vida daqueles sujeitos atreladas ao futebol. Foi um momento extremamente agradável que aumentou ainda mais o vínculo formado entre a pesquisadora e os sujeitos investigados. Nesta noite, contamos com o fator “cachaça de butiá”, que não me permitia mais escrever e escutar atentamente as suas histórias, causando risos entre eles.

A visão de que os treinadores profissionais têm “tudo na mão” e ainda “conseguem errar” é bastante comum nas conversas sobre o desempenho das equipes no futebol de alto rendimento. Pois, essa figura, assume um papel de grande visibilidade nas mídias esportivas, representando as equipes e sendo responsabilizado constantemente pelos seus resultados. Para Wagg (2006), o “mito do treinador colonizou o nosso senso comum” e, por isso, parece tão importante analisar e desafiá-lo (p. 349). Esse autor defende que a

cultura futebolística criou o mito do treinador de futebol porque este serve os interesses de todas as partes envolvidas: administradores, proprietários dos clubes, meios de comunicação, jogadores, ex-jogadores e aspirantes a tecnocratas. E este paradigma é útil porque, em qualquer momento da vida de uma equipe importante, a explicação do desempenho dessa equipe pode ser reduzida a um único fator determinante: o trabalho do seu treinador (p.349).

Assim, talvez não sejam propriamente os conhecimentos técnicos e especializados ou ainda outras qualidades que definem um treinador, mas, de modo geral, no discurso futebolístico que é guiado basicamente pelos resultados, o treinador acaba sendo o único *locus* de explicação (WAGG, 2006). A partir dessa forma de perceber a figura do treinador, desconfiamos que talvez não haja uma distância tão grande entre este e o “entregador de camisetas”, porém, os membros da Liga de veteranos fazem certa questão de diferenciá-los.

Em seu depoimento, Dias (2011) salienta algumas peculiaridades sobre ser “entregador de camiseta”, ou seja, treinador de uma equipe da LVRG, dizendo que

Ser treinador é que tu tens dois ou três dias da semana que tu tá convivendo com aquele cara e fazendo alguma jogada fazendo alguma coisa. Mas o entregador de camiseta, tu tem que ser um pouco mais objetivo sabe e como todos que tu vai tratar tu não tem que ensinar a jogar futebol, o treinador é aquele que ainda consegue ensinar a jogar futebol. Então, aquele cara que vem com um cacoete de só sair pra um lado e tu tem que fazer com que ele vire para um lado e vire para o outro. Se esse cara que já aprendeu a andar só pra um lado, tu como entregador de camiseta tem que botar ele num lugar que só sabe que dos outros lados ele vai cair pra fora do campo, então, tu larga ele só por aquele lado que tu só sabe que ele joga ali pra um lado. Então é esse meu... Eu tenho essa coisa comigo, eu gosto de ser treinador, sou entregador de camiseta (21/03/2011).

Na Liga, os treinadores possuem certas singularidades, eles não costumam treinar sua equipe durante a semana e nem receber remuneração, semelhante ao futebol de várzea (DAMO, 2005). Geralmente, eles são reconhecidos pelo envolvimento com a prática futebolística e pelo histórico de seu desempenho nessa área.

A maioria dos treinadores das equipes de veteranos inicia suas atuações nessa posição através de convites dos clubes e, principalmente, porque já foram jogadores, de veteranos ou “novos”, geralmente, bem sucedidos. Já o seguimento da carreira de treinador na Liga de veteranos depende do desempenho da equipe na qual ele está atuando e do acúmulo de títulos e boas colocações. Assim, o treinador passa a ser requisitado e a “rodar” pelos times, com opção de escolher e fazer algumas exigências.

E aí como eu joguei muito tempo, eu tinha um conhecimento no futebol, aí fui convidado a começar a treinar os times. Ai, passei por vários times, aí gostei e continuo até hoje [...] Eu comecei no veterano em 2003, dirigindo o esporte clube Terezinha. Aí trabalhei dois anos no Terezinha. No próximo ano fui treinador do Cassino, aonde a gente foi campeão. Aí, no outro ano eu estive no Mirim F.C. lá na quinta secção da Barra, a gente foi campeão também. Depois vim treinar o Santa Bárbara, fui vice campeão pelo Santa Bárbara. Depois retornei ao Cassino, aonde tornei a ser campeão em cima do Santa Bárbara. Depois treinei o Raça, aonde cheguei às quartas de finais [...] aí depois, hoje, eu me encontro no Palmeiras...e espero dá o título ao Palmeiras (Entrevista – LOPES, 09/09/2011).

Então, eu comecei no Quitéria e de lá fui pro Nacional depois, fui duas vezes campeão pelo Santo Antonio, aí fui pro Esperança do Povo Novo, fui campeão também. Retornei pro Esperança de onde era o meu pai, então, o Esperança tava se levantando de novo aí a gente foi pro Esperança, levei todo aquele pessoal, o Evair e outros ex-profissionais do São Paulo e Rio Grande. A gente fez um belo de um time lá, fomos vice campeão. Não tiramos o título por detalhe, aí até meus 30 anos, mais ou menos, ali, aí depois fui pro Libertador da Ilha dos Marinheiros, tive na ilha, no Barulho, também. ...Voltamos nessa volta toda aí assim sabe? Já como treinador, porque é... que treinador é uma coisa muito difícil, sabe? É uma coisa que ninguém quer pegar e quem pega larga, daí a pouco, já não tem nome e eu tinha essa manutenção em todos os clubes que eu andei, eu entrava e terminava o campeonato (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

São muitos os jogadores ou ex-jogadores, que freqüentam os campos de jogo do campeonato da Liga e possuem uma “bagagem futebolística” significativa. Por isso, observamos que em algumas equipes há mais de um sujeito na lateral do gramado exercendo o “papel de treinador” no momento do jogo, de forma que se torna difícil, para quem está assistindo ao jogo, decifrar quem é o treinador especificamente (as figuras 9, 10 e 11 ilustram essa situação).

Essa característica foi observada em praticamente todos os jogos que acompanhamos, no trecho do diário de campo descrito a seguir está um dos primeiros registros sobre esse assunto, quando essa multiplicidade de “treinadores” passou a chamar a nossa atenção:

São muitos treinadores ao redor do campo. Nesse jogo, nem ao menos consegui identificar os treinadores, pois são muitos os que gritam, orientam, se deslocam pelas linhas laterais e de fundo, pedem cartão e reclamam de faltas. Na minha frente se formou uma parede de homens, alguns fardados, outros bem arrumados e alguns do jogo anterior aparentavam a recém ter saído do banho. Com o passar do tempo, os treinadores ainda se multiplicam e avançam cada vez mais para dentro do campo (Trecho do Diário de Campo nº 05, 14/05/2010).



Figura 12: Os “treinadores” no campo do Arraial.⁷⁴

⁷⁴ Fonte: Acervo pessoal, 28 ago. 2010.



Figura 13: Os “treinadores” no estádio Colosso do Trevo. ⁷⁵



Figura 14: Os “treinadores” na Praça Saraiva. ⁷⁶

⁷⁵ Fonte: Acervo pessoal, 29 mai. 2010.

⁷⁶ Fonte: Acervo pessoal, 05 jun. 2010.

A função de treinador, embora pareça estar distribuída entre vários sujeitos, é exercida “oficialmente” apenas por um deles. A essa pessoa cabe várias responsabilidades, como organizar o time taticamente, reunir os jogadores antes, nos intervalos e após as disputas e, eventualmente, durante a semana, para tratar sobre o jogo antecedente, escalar a equipe que inicia a próxima partida, bem como realizar as substituições, registrar como o adversário vem jogando, informar-se sobre o deslocamento dos jogadores até o campo de jogo e, às vezes, providenciá-lo, reunir o fardamento disponível para cada confronto e cobrar dos jogadores que assinem a súmula, entre outras tarefas.

Quando se encontram apenas os treinadores, eles se queixam de alguns de seus jogadores, chamando-os de “agitadores de vestiário”, pois são os que mais desconcentram as equipes antes dos jogos: “os caras falam de novela, falam de tudo...”, “se puxam cueca e tiram as meias”. No entanto, um dos treinadores, ao ser indagado sobre o comportamento dos seus jogadores, durante a entrevista, afirmou que na hora da “preleção” eles todos ficam apenas escutando e fazem o que ele pede (LOPES, 2011).

Mas nem sempre as decisões tomadas pelos treinadores são acatadas complacentemente, muitas das suas resoluções são questionadas, gerando certos tensionamentos, principalmente durante as partidas. Uma das formas de tensão são as substituições, pois poucos jogadores aceitam serem substituídos, a não ser que solicitem.

Em um dos jogos que assistíamos, os próprios jogadores que estavam na reserva se queixavam com o treinador dizendo: “olha lá, aquele tá morto e não pede pra sair!” (Diário de Campo nº 06, 29/05/2010). Numa outra ocasião, um jogador foi substituído e saiu lentamente de campo, mesmo com seu time perdendo, então, seus companheiros de equipe se irritaram e tentaram lhe apressar: “O jogador saiu furioso, reclamando e gesticulando negativamente por ter sido substituído (Diário de Campo nº 36, 06/11/2010).

A permanência dos jogadores em campo não segue um padrão, ela é bastante diferenciada de um jogo ou de uma equipe para outra. Existem aqueles que não gostam de serem substituídos, não querem sair e também há outros que pedem para sair ou para não entrar em determinados jogos ou momentos destes. Em uma disputa no campo do Cassino, um jogador pediu para sair, alegando que queria ver se assim seu time fazia gol, pois, segundo ele, na última partida, depois que ele saiu, a sua equipe fez (Diário de Campo nº 39, 13/11/2010).

Assim, compreendemos que ser treinador na Liga de Veteranos é assumir uma posição de visibilidade perante a equipe no campeonato. Algumas das funções desempenhadas não são exclusivas, podendo ser realizadas por outros participantes. Por isso, muitos deles, se sentem aptos a contribuir como treinadores nas partidas, sem necessariamente assumir a responsabilidade de “treinador” daquela equipe, principalmente por conta das atribuições que o termo carrega. Ser treinador de uma equipe da LVRG implica assumir uma série de compromissos por um longo período.

6.2 DISCIPLINA: JUGALMENTOS E PUNIÇÕES.

A LVRG está sempre muito preocupada com as questões de disciplina que envolvem os campeonatos e procura organizar a competição nos mínimos detalhes, controlando possíveis motivações para a existência de confusão, como a utilização de campos com isolamento⁷⁷ ou a utilização de cordas para limitar as invasões de campo nos jogos decisivos.

Assim como busca punir com rigor aqueles que se envolvem em alguma forma de desentendimento, como agressões físicas ou discussões graves, algumas punições um pouco mais brandas também são aplicadas aos jogadores que assinam a súmula em local indevido. Exigindo que eles dediquem mais atenção a esse documento, que para a organização do campeonato é de fundamental importância.

Todos esses casos de transgressões das regras, que são estabelecidas pela Liga, são julgados na própria sede da instituição, semanalmente. Os julgamentos são abertos ao público e quem geralmente assiste são os jogadores, dirigentes e árbitros. Na terça-feira anterior a cada julgamento é fixada, no mural da liga, a pauta da convocação dos processos para julgamento⁷⁸, com o nome dos “denunciados”, o clube a que pertencem e o enquadramento nos artigos do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD). Assim, previamente, os julgados têm a possibilidade de organizar suas defesas, com argumentos, provas e testemunhas.

A pauta que relaciona cada julgamento e quem fará parte deles é elaborada pela Junta Disciplinar Desportiva (JDD), após a análise das súmulas, que é realizada pelo procurador da

⁷⁷ O isolamento é uma forma de separar fisicamente, o jogo de futebol da torcida e dos demais espectadores, ao menos durante os noventa minutos de duração da partida.

⁷⁸ Ver modelo em anexo na pág. 98.

Liga.⁷⁹ Em algumas vezes estive presente durante esse processo inicial, e constatei a relevância que é dada ao preenchimento correto e sem rasuras da referida súmula, para que a leitura e compreensão do texto documentado não sejam prejudicadas.

O procurador reclamou que têm pessoas que não sabem nem aonde se assina a súmula, depois rasuram e vem reclamar. “Eles não dão valor para as normas nem para a documentação!” Segundo ele, isso acontece com equipes desorganizadas (Trecho do Diário de Campo nº 15, 24/08/2010).

As queixas também são estendidas aos árbitros, nos casos em que escrevem de forma ilegível, rasurada ou com palavras abreviadas. Para o procurador, tem juiz que não corre, não sai do meio do campo e ainda abrevia as palavras na súmula (Diário de Campo, nº 26, 28/08/2010).

Para elaborar as defesas, os denunciados podem retirar as cópias das súmulas dos jogos, reforçando a importância da presença de pelo menos um representante de cada clube nas reuniões das terças feiras. Neste dia, ocorrem os encontros das equipes, que recebem a pauta dos julgamentos que foi elaborada e conferida pelo procurador na segunda-feira anterior, quando os árbitros entregam as súmulas na Liga. Neste mesmo dia, o presidente, em algumas ocasiões, chega a retardar o fechamento da sede, para aguardar a retirada da súmula quando há alguma equipe com “penalização forte” (Diário de Campo nº 18, 08/09/2010).

Quando vai ter o julgamento mesmo na quinta feira é automático, que ou na quarta ou na própria quinta ao meio dia, tem que vir na liga pra pegar as fichas todas, anexar os processos, ver se esse atleta tem algumas (sic) excedências, ou não, de outros anos e já anexar também para agravar a pena dele, é... As intenções são sempre essas que a gente sempre faz isso aí. Dai a pouco algum pedido de súmula anterior que algum juiz pediu pra até mesmo pra absolver ou pra punir o adversário, isso acontece essas coisas. Mesmo que tu diga que só abre terças e quintas, quintas só pra julgamentos, mas só terças aos clubes, naquele (...) tu abre gradativamente outros dias dentro da liga (Depoimento – DIAS, 21/03/2011).

Mesmo quando há acordo entre jogadores dos diferentes times, inclusive os adversários de uma mesma partida, de que o árbitro cometeu um erro, eles reúnem todos os argumentos ali colocados e os redirecionam para as defesas nos julgamentos e até mesmo se auxiliam na construção de alguns depoimentos. Um exemplo disso foi um caso em que o juiz

⁷⁹ O procurador da Liga é o senhor Volnei Dias dos Santos, que é advogado e faz esse trabalho como voluntário.

registrou um cartão amarelo no número de um jogador que nem estava envolvido com a penalidade. Nesse caso, eles procuram elaborar suas defesas para serem absolvidos de qualquer pena ou punição, comprovando o equívoco do árbitro.

Um senhor do máster contava que no jogo contra o Vim pra Ficar , quando eles já estavam comemorando, percebeu que o juiz anotava algo no cartão, procurando alguém. Já no vestiário disseram que ele havia levado um cartão. Então, ele foi falar com o juiz que mandou ir consultar na Liga, terça-feira. Hoje ele viu que realmente tem um cartão e pediu instruções para recorrer. O presidente deu as instruções e emprestou a súmula para fazer cópia (Trecho do Diário de Campo nº 14, 17/08/2010).

Nos julgamentos observados, a maioria das punições foram leves, de apenas uma partida, mas que em certos momentos do campeonato podem significar bastante, dependendo do jogador. No início de cada caso a ser julgado é realizada a leitura do trecho presente na súmula que possibilitou o enquadramento e, muitas vezes, ela é realizada nos mínimos detalhes, como em um caso de ofensa entre jogadores, quando foi lida uma seqüência de xingamentos. Nessa ocasião, os dois envolvidos assumiram suas exaltações e pediram pena mínima, justificando com argumentos sobre a “naturalidade” de um jogador ficar de “cabeça quente” em um jogo de futebol (Diário de Campo nº 38, 11/11/2010).

Noutros casos, um pouco mais complexos, os participantes precisam elaborar com detalhes a própria fala da defesa e a das testemunhas, procurando contradições do árbitro na súmula, brechas na legislação ou algum equívoco no enquadramento. Eles realizam diversas explicações e utilizam até mesmo desenhos para explicar melhor o ocorrido. Também houve situações em que os réus recorreram aos registros das punições para demonstrar que fazia muito tempo que um jogador daquele time não era julgado e que, da última vez que aconteceu, foi justo porque era uma final e a “energia excessiva” faz com que isso aconteça (Diário de Campo nº 38, 11/11/2010). Dentre os casos mais graves de punição estão os de expulsão da Liga de Veteranos.



Figura 15: Noite de julgamento na sede da LVRG.⁸⁰

Percebemos, assim, que há a manutenção de certo equilíbrio entre proibições e permissividades, fatores que se mostram relevantes para a consolidação e continuidade do futebol competitivo de veteranos na cidade do Rio Grande. Algumas das formas de controle estão inspiradas nas regras que normatizam o futebol profissional, porém, muitos comportamentos aparentemente faltosos para aquele futebol são considerados inevitáveis ao tratar-se desse futebol, recebendo penas mais leves quando levados a julgamento.

Os integrantes da gestão atual da Liga demonstram muito orgulho ao apresentar a organização dos documentos, os registros e os procedimentos que adotam, principalmente, para a conferência das súmulas, fichas e inscrições. Segundo eles, essa forma de controle já trouxe resultados positivos, fazendo com que os jogadores respeitem mais a competição:

Um dos jogadores do máster levava muitos cartões e estava sempre fora, cumprindo suspensão, mas depois que o máster entrou na liga este mesmo jogador não levou mais nem cartão. Inclusive, ele mesmo disse que não queimaria o filme da Liga e prejudicar a todos (Trecho do Diário de Campo nº 09, 08/06/2010).

⁸⁰ Fonte: Acervo pessoal, 26 ago. 2010.

O orgulho que eles demonstram fica ainda mais aparente quando é reconhecido por outras entidades, como prefeitura e outras Ligas. Em São José do Norte, por exemplo, o campeonato de futebol amador de “novos” é organizado pela prefeitura municipal, que nesse ano de 2011 solicitou o auxílio da LVRG para organizar a documentação relacionada à disciplina (súmulas, atas, denúncias etc.) e os julgamentos.

Percebe-se ainda a valorização, por parte da LVRG, do troféu disciplina que é entregue ao final do campeonato para a equipe com menor número de cartões amarelos e vermelhos. Em 2010, a equipe do Mirim, treinada pelo presidente da Liga, estava estrategicamente organizada para conquistar o troféu disciplina, chegando a dispensar nove de seus jogadores para uma partida, pois estes estavam “pendurados” e a equipe que estava “brigando pelo troféu disciplina” não poderia correr riscos (Diário de Campo nº 30, 13/10/2010).

Outra passagem relacionada à valorização da disciplina está destacada nos regulamentos, das duas categorias (veteranos e máster), que é distribuído no início de cada campeonato, na última página há a seguinte frase: “A disciplina é o melhor troféu oferecido para uma competição. Este! Seu clube e atletas merecem ganhar (Regulamentos, 2010).”

Sendo assim, os árbitros ocupam um papel fundamental na LVRG e, ao acompanharmos mais atentamente seus passos, reforçamos nossas suspeitas de que as fronteiras entre os “papéis” existentes na Liga são bastante dispersas. Nas suas reuniões, às segundas-feiras, quando entregam as súmulas e recebem os pagamentos (nessa ordem) referentes à partida do sábado anterior, os assuntos também são sobre as partidas. Além dos comentários sobre as disputas e as situações das equipes na competição eles tratam sobre suas marcações e as reclamações sofridas, demonstrando os lances e requisitando sugestões dos outros árbitros.

Desta forma, cria-se um tipo de parâmetro utilizado pela arbitragem nas partidas da Liga, que é constituído nessas relações entre os árbitros e deles com os outros participantes da LVRG. Em algumas partidas, encontramos juízes em suas rodadas de folga, assistindo aos jogos junto aos espectadores e durante o intervalo conversando com os jogadores. Nas reuniões destinadas à entrega das súmulas, os árbitros mais recentes na Liga chegam com parte do documento em branco e procuram o auxílio dos mais experientes para o preenchimento. A Liga possui 15 árbitros e os jogos são conduzidos por apenas um juiz nas

etapas classificatórias, a partir daí, nas etapas eliminatórias (mata-mata), participam além deste, mais dois assistentes.⁸¹

Os árbitros são bastante questionados por suas atuações e, em caso de insatisfação das equipes, eles são cobrados pela diretoria da Liga, que, por sua vez, exige que eles atuem de modo singular em suas partidas, conforme as características sob as quais o futebol de veteranos da Liga está estruturado. Essas singularidades são identificadas pela própria Liga, que considera o seu campeonato diferente dos outros, por ser disciplinado e sério, devendo ser tratado com rigor, que acreditam ser indispensável para a organização desse futebol.

Em meio a um alvoroço por conta de reclamações dos árbitros na rodada anterior, o presidente disse que já teve uma conversa com os árbitros e falou que ali não é igual aqueles jogos sem organização que eles apitam. Ali, tem que esquecer tudo e apitar diferente e sério, porque tem organização (Trecho do Diário de Campo nº 7, 01/06/2010).

Ao longo do campeonato de veteranos de 2010 aconteceram 146 jogos e dentre estes foram aplicados 781 cartões (685 amarelos e 96 vermelhos), média de 5,34 cartões por partida (4,69 amarelos e 0,65 vermelhos).⁸² O número de cartões é um indicador que aproxima o futebol da LVRG do futebol profissional⁸³. Além disso, ele é indício da alta intensidade com que as partidas são disputadas e a utilização dos cartões também é uma forma de controle do comportamento durante as partidas.

A presença da competitividade⁸⁴ e o desejo das equipes de alcançarem a vitória são características marcantes. Nesta competição, está presente a preocupação e o empenho dos jogadores para que seus times passem de uma fase para outra do campeonato, alcançando uma boa colocação e, se possível, sejam campeões.

Constatamos, então, que dentre as singularidades futebolísticas que essa Liga apresenta, em relação a outros grupos motivados pela prática deste esporte, destacou-se a valorização da organização e da disciplina futebolística. Fundamentadas, basicamente, no controle dos comportamentos através dos julgamentos e punições.

⁸¹ Segundo o presidente, essa medida é tomada apenas com o objetivo de economizar com as despesas.

⁸² Para chegar a esses dados analisamos o mapa de controle dos cartões amarelos e vermelhos elaborado pela LVRG e disponível para consulta dos clubes (anexo na página 97).

⁸³ No campeonato brasileiro de 2010 a média de cartões foi de 4,82 por partida. (Fonte: *footstats*.) Ver mais em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Campeonato-Brasileiro-numerosConfira_0_385161536.html>.

⁸⁴ A ênfase atribuída à competição em um futebol de lazer nos remeteu às colocações que Huizinga (2008) faz sobre a presença da competição no próprio jogo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os fatores motivadores desta pesquisa, um esteve especialmente presente, inquietando-me ao longo desses dois anos de estudos: a pouca visibilidade do futebol mais praticado no Brasil. O futebol da rua, da várzea, amador, rural ou comunitário, nenhum destes, foi/é tão evidenciado nas mídias e nos projetos e financiamentos de políticas públicas quanto o futebol profissional.

No início deste trabalho procuramos retomar alguns estudos que tratam do futebol, de modo mais abrangente, e aqueles que se dedicam aos diferentes futebóis, de várzea, rural, comunitário e de veteranos. A partir deste momento, passamos a situar o local onde esta pesquisa seria realizada e descrevemos como se deu a nossa aproximação com o universo investigado. Então, apresentamos e justificamos nossa escolha metodológica, de inspiração etnográfica e atrelada a ferramentas da história oral. Em seguida passamos a introduzir o *corpus* empírico ao contexto referenciado teoricamente no trabalho.

Na sequência, centralizamos nossas análises no futebol da Liga de Veteranos do Rio Grande, percebendo-a como uma opção de lazer que envolve compromissos como os jogos, os preparativos, as reuniões, os julgamentos, entre outras tarefas diárias e semanais. Desde as primeiras observações realizadas, a questão organizacional emergiu como sendo uma das singularidades do grupo.

Os momentos observados na LVRG nos fizeram percebê-la enquanto um espaço-tempo de lazer. Porém, esse conhecimento não se deu de forma clara, tão pouco direta. Ao buscarmos apoio na literatura que aborda o assunto, compreendíamos cada vez com mais convicções, que o lazer não é passível de ser significado de forma única e generalista. Não visualizamos demarcações claras que pudessem distinguir as ações de trabalho e as de lazer, mas foi possível dar-nos conta da multiplicidade de significados que a Liga produz e, dentre estes, o do lazer foi o mais significativo.

A partir do futebol da Liga de veteranos e das atividades relacionadas a essa prática, este estudo teve como objetivos analisar as suas formas de organização e funcionamento; descrever e analisar os acontecimentos futebolísticos da 15ª edição do campeonato de futebol da LVRG ocorrido em 2010; e, por fim, estudar as práticas que constituem esse futebol de veteranos, dentro e fora de campo.

A organização rigorosa das atividades do grupo se mostrou parte fundamental da manutenção desse espaço de lazer, para que permaneça em funcionamento, caracterizando um grupo singular e uma forma específica de organização e prática futebolística. As tarefas que compõem as reuniões (pagamentos, conferência de súmula, inscrições etc.), os julgamentos (defesas e acusações) e os jogos (preparação física, manutenção do campo e equipamentos etc.) fazem parte do tempo livre dos indivíduos pertencentes a esse grupo e assumem, muitas vezes, caráter obrigatório.

Estabelece-se, assim, um tipo de compensação, pois na atividade obrigatória esses indivíduos cumprem as demandas necessárias para garantir que o acontecimento da atividade satisfatória principal, o jogo de futebol, seja praticamente livre de defeitos, tais como confusões que levem a agressões físicas, a falta de pessoal ou material necessário aos jogos.

Além disso, percebemos que as atividades organizativas, que se tornam obrigatórias para alguns, como os representantes das equipes nas reuniões de terças-feiras, também podem assumir um caráter satisfatório. Elas, não necessariamente, ocupam posições opostas e podem conectar sensações nessa relação entre a obrigatoriedade e a satisfação.

Um exemplo disso são as reuniões dos representantes das equipes, dos árbitros e os julgamentos, considerando como a LVRG está estruturada, são vistas como imprescindíveis para que a competição aconteça. Esses momentos acabaram tornando-se mais uma oportunidade para a sociabilidade e o fortalecimento dos laços de pertencimento entre eles. Através do futebol, o grupo da LVRG produz significados, delimita espaços, estabelece uma condição de pertencimento e reforça as diferenças existentes entre eles e outros grupos, afirmando e legitimando o futebol de veteranos como um significativo momento de lazer.

Em seguida, dissertamos sobre uma versão da história de criação da LVRG. Essa construção histórica se deu ao longo da competição do ano de 2010, através da utilização dos documentos de sua fundação e registros escritos, mas principalmente do depoimento oral de um componente da liga que participou desse processo. E também, tratamos de forma analítica e descritiva da 15ª edição do campeonato de veteranos, organizado pela Liga.

Nesse movimento de pesquisa entendemos que aqueles jogadores, em um momento comum de suas vidas, se percebiam coadjuvantes no cenário competitivo do futebol amador na cidade do Rio Grande, então, resolveram transformar a situação. Por isso, criaram uma categoria específica, que selecionava apenas jogadores de uma determinada faixa etária –

primeiramente, acima dos 35 anos e, em seguida, 40 anos. Desta forma, eles se sentiam mais participativos e competindo com certa igualdade de condições.

Nas etapas seguintes, dedicamo-nos principalmente à análise do material empírico, composto pelos registros dos acontecimentos ocorridos nos tempos-espacos de lazer e de sociabilidades existentes na Liga. Evidenciamos algumas disputas que emergiram nesse campo, com destaque para os tensionamentos permanentes sobre as formas de controle que regem o campeonato.

Essas disputas ocorreram basicamente em duas esferas: uma aonde prevaleceu a defesa de um ambiente mais rigoroso, que valoriza sobremaneira organizar-se através da norma, que chamamos de sério. E, a outra, que prioriza o divertimento acima da regra, mas não deixa de buscar a organização, porém, considerando a possibilidade de existirem algumas exceções e flexibilização nas normas.

Podemos afirmar que os associados se unem através do futebol, um interesse comum, que cria grupos de sociabilidade com objetivos distintos e, por vezes, conflitantes. Isso acontece principalmente, quando se trata das maneiras de conduzir as formas de controle na LVRG. Existem, assim, entendimentos diferenciados entre os veteranos sobre o significado dessa atividade em suas vidas, pois, para alguns, é uma forma de divertimento com pouca seriedade e, para outros, é uma competição rigorosa e extremamente séria.

Por fim, destacamos algumas das singularidades futebolísticas observadas, como a presença da figura de um treinador que é diferenciado, pelos próprios sujeitos investigados, daqueles do futebol profissional. E, ainda, o tratamento dedicado ao controle da disciplina, bem como à organização para julgar e aplicar as punições.

Compreendemos que, para os participantes desta investigação, ser treinador na Liga de Veteranos é assumir uma posição de visibilidade perante a equipe no campeonato e, de certa forma, acaba por se tornar a figura responsável pelos sucessos ou insucessos daquele grupo. Algumas das funções deste treinador, ou como eles se denominam, entregador de camiseta, podem ser desempenhadas por outros participantes, porém, nem todos se sentem aptos a assumir essa posição que exige responsabilidade e protagonismo perante as equipes.

Em relação às formas de organização e ao controle das regras notamos, ainda, que há a manutenção de certo equilíbrio entre as proibições e as permissividades, fator que se mostra relevante para a consolidação e a continuidade do futebol competitivo destes veteranos na cidade do Rio Grande/RS. Algumas das formas de controle são inspiradas nas regras que

normatizam o futebol profissional, porém, muitos dos comportamentos são considerados inevitáveis para este futebol específico, compondo uma forma particular de existência do futebol.

Dentre as singularidades futebolísticas que essa Liga apresenta, destaca-se a valorização da organização e da disciplina. Essas características se tornam marcas desse grupo, diferenciando-o na relação com outros grupos, motivados pela prática deste mesmo esporte. Esses destaques transpareceram às nossas observações, principalmente ao analisarmos a constante busca pelo controle dos comportamentos, que é demarcada através dos julgamentos e das punições.

Durante o processo de investigação desse trabalho estive envolvida com os diversos assuntos que perpassaram os momentos da materialização do grupo da liga de veteranos. Observei diferentes formas de pensar e de agir, que não, necessariamente, repeliam os indivíduos daquele grupo, pelo contrário, pareciam fortalecer o associativismo. Essa, dentre outras características, não foram tão somente passíveis de observação, elas compuseram o sujeito-pesquisador deste estudo, do qual saio permeada por novas/outras perspectivas e saberes.

A partir desta temática e do presente estudo, outras abordagens relevantes, que não foram exploradas, poderiam ser realizadas. Assim, reconhecemos algumas limitações deste estudo, ao mesmo tempo em que indicamos uma possibilidade, que mereceria maiores investigações: o enfoque das características socioeconômicas dos participantes da LVRG. Apesar do reconhecimento de que essa análise seria bastante relevante, quando nos deparamos com esse caminho possível, a investigação já estava em uma fase que não nos permitia muito mais tempo para retornar à coleta destes dados.

Com certeza, muitas outras possibilidades de investigação sobre o futebol de veteranos serão muito bem vindas à área de estudos em educação física, bem como em tantos outros espaços propícios, sobretudo, das ciências humanas e sociais.

8. REFERÊNCIAS

ADAUTO, Flávio. O Futebol da cidade não morreu só mudou de lugar. In: COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Sílvia Carbone; SANTOS, Marco Antônio S. (orgs.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: Simpósio Nacional de História, João Pessoa, PB. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

Ata de Fundação da Liga de Veteranos do Rio Grande, Rio Grande, 1995.

BAULER, Sílvia Regina Godinho. O Futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

BENJAMIM, Walter. O narrador (1936). In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.19, p.20-28, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2009.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do Óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. São Paulo, Revista USP, n.22, PP. 10-17, jun/jul/ago, 1994.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

———. A magia da seleção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 73-90, set. 2006.

———. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago. 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. 333 p.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. 420p.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Vila Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)**. 2005. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Entrevista com Carlos Reni dias, presidente da Liga de Veterano do Rio Grande, realizada no dia 21 de março de 2011.

Entrevista com Dailton Alves de Macedo, jogador da equipe máster e dirigente da equipe do Cassino F.C., realizada no dia 13 de outubro de 2011.

Entrevista com Oraci Henrique Lopes (Cica), treinador da equipe do Palmeiras F.C. no campeonato de 2011 da Liga de Veteranos do Rio Grande, realizada no dia 09 de setembro de 2011.

Estatuto da Liga de Veteranos do Rio Grande. Arquivos da LVRG. Rio Grande, 1995.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n.10, p. 58-78, jan/fev/mar/abr. 1999.

GASTALDO, Edson L. "Os campeões do século": notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 105-124, set. 2000.

———. Futebol e Sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. São Leopoldo: **Revista Esporte e Sociedade**. n.3, jul2006/out2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989. 323p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HIRATA, Daniel Veloso. No meio de campo: o que está em jogo no futebol de várzea? In: HIRATA, Daniel Veloso *et al.* **Nas tramas da cidade: Trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 243-278.

Histórico da Liga de Veteranos do Rio Grande. Levantamento da diretoria 2009/2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008 (1938).

JORDÃO, Patrícia. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. **Revista Iniciação Científica**. FFC. 2004; 4 (1): 35-51.

Jornal Agora. Caderno de Esportes. Janeiro à Dezembro de 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=43> Acesso em: 04/05/2011 às 17h14min.

LAZZOLI, José Kawazoe, OLIVEIRA, Marcos Aurélio Brazão; LEITÃO, Marcelo Bichels; NÓBREGA, Antonio Claudio L.; NAHAS, Ricardo Munir; REZENDE, Luciano; et al. I Consenso de Petrópolis. Posicionamento Oficial da *Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte* sobre Esporte Competitivo em Indivíduos acima de 35 anos. **Revista Brasileira Medicina Esporte** 2001; 7: 83-92.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. 198 p.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. In: *Ethnologia*, p. 17-37, 1997.

MELO FILHO, Álvaro. CBJD 2010: reequilíbrio do jogo jus-deportivo. **Revista Derecho Deportivo en Línea**, nº 15, abr/ago, p.41-62, 2010.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Cultura solidária, feições lúdicas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org). **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 15-29.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. Brasília: Ed. da Unesp, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Vozes, 2010.

———. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Vol. 1, nº 2, p.59-72.

Prefeitura de São José do Norte. Disponível em: <<http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/?p=historia>> Acesso em: 16/07/2011 às 11h19min.

Prefeitura do Rio Grande. Disponível em:
<<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/pagina-inicial>> Acesso em: 04/05/2011 às 15h54min.

Regulamento do Campeonato Máster - 50 anos, 2010.

Regulamento do Campeonato Veteranos - 40 Anos, 2010.

RIAL, Carmen. S. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, Niterói, UFF, n.14, jan-jul 2003, p.61-80.

———. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n.30, p. 21, julho/dezembro de 2008.

RIGO, Luiz Carlos JAHNECKA, Luciano, CROCHEMORE, Inácio da Silva. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 155-179, julho/setembro de 2010.

ROSE, Nikolas. **Governando a alma**: a formação do eu privado. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.30-45.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n 47, p. 203-211, 2007.

SANTOS, Marco Antônio. S. Periferia e várzea: um espaço de sociabilidade. In: COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia Carbone; SANTOS, Marco Antônio S.. (orgs.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

SILVA, Silvio Ricardo da. (coord.). **Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO Evaristo de. (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos**. [online]. 2008, vol.14, n.30, pp. 165-190.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. In: **Movimento**. Publicação da ESEF/UFRGS. Ano IV, nº7, p. 52-66, 1997/2.

———. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002. 259 p. (Coleção educação física e esportes).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**. 1. Ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. v. 1. 342 p.

VAZ, Alexandre Fernandez. DaMatta: o futebol como drama e mitologia. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (org.). **Esporte, história, sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, 139-164.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 23-38.

WAGG, Stephen. “Anjos de todos nós?”: os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Rev. Análise Social**, 2006, n.179, p.347-369.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 430p.

9. APÊNDICES

10.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA: PRESIDENTE DA LIGA DE VETERANOS

1. Dados de Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Local de Nascimento:

Local de Residência:

Profissão:

Escolaridade:

2. Sobre o Futebol

2.1 Sobre o futebol em sua vida

- a) Como começou sua relação com o futebol, desde sua infância?
- b) Quais e como foram suas relações com o futebol, ao longo de sua vida? Torcedor, jogador, espectador, treinador...
- c) Qual a participação que o futebol teve e tem no seu cotidiano?

2.2 Sobre o Futebol de Veteranos

- a) Como iniciou sua participação no futebol de veteranos?
- b) O que sabe sobre a organização do futebol de veteranos na região e no estado?
- c) Como eram as atividades dos veteranos de Rio Grande antes da liga existir?
- d) O que diferencia o jogo de futebol de veteranos dos outros jogos de futebol?

3. Sobre a Liga de Futebol de Veteranos do Rio Grande

- a) Como foram os movimentos de criação da liga? E em que situação se deu essa fundação?
- c) Quais atividades acontecem na liga de veteranos?

- b) Qual a demanda que a liga de veteranos exige em sua vida? (compromissos, tempo...
- c) Considera algumas atividades mais importantes que as outras? Considera algumas atividades realizadas na liga mais prazerosas que outras?
- d) Qual a diferença que sentes em relação aos compromissos de trabalho e aos da liga de veteranos?
- e) Te preparas (e como te preparas) para os jogos, como jogador ou treinador?
- f) Fora da liga de veteranos tens outras atividades relacionadas ao futebol?
- g) Porque, até hoje a liga de veteranos só tem o futebol, já que no estatuto são previstas outras modalidades?
- h) Qual o apoio recebido pela liga de veteranos? Existe um apoio além daquele dos que participam?
- i) Alguma curiosidade ou comentário.

10.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA – TREINADOR

1. Dados de Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Local de Nascimento:

Local de Residência:

Profissão:

Escolaridade:

2. Sobre o Futebol

2.1 Sobre o futebol em sua vida

- a) Como começou sua relação com o futebol, desde sua infância?
- b) Quais e como foram suas relações com o futebol, ao longo de sua vida? Torcedor, jogador, espectador, treinador...
- c) Foi atleta de futebol profissional? Treinador de futebol profissional?
- d) Qual a participação que o futebol teve e tem no seu cotidiano?

2.2 Sobre o Futebol de Veteranos

- a) Como iniciou sua participação no futebol de veteranos?
- b) O que diferencia o jogo de futebol de veteranos dos outros jogos de futebol?
- c) Qual tua ligação com a equipe do Palmeiras F.C.?
- d) Já atuou em outras equipes? Como acontece essa circulação entre equipes?
- e) Qual a diferença (se há) em relação aos compromissos de trabalho e aos de treinador das equipes de veteranos?
- f) Qual a sua opinião sobre o pagamento de jogadores no futebol de veteranos?

- g) Fora da liga de veteranos tens outras atividades relacionadas ao futebol? Quais?
- h) Como percebe que os jogadores vivenciam/encaram o futebol quando chegam a categoria de veteranos? Com seriedade, diversão

2.3 Sobre o campeonato de veteranos

- a) Quais atividades acontecem relacionadas ao campeonato de veteranos na sua equipe? Treinos, reuniões?
- b) Se há treinos, como eles são organizados? De que forma é feito o treino dos veteranos? Tático, técnico?
- c) Qual a demanda que a função de treinador exige em sua vida? (compromissos, tempo...
- d) Te prepara (e como te prepara) para os jogos, como treinador?
- e) O que achas da organização das competições da Liga de Veteranos do Rio Grande?
- f) Alguma curiosidade ou comentário.

10.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA – PRESIDENTE DE CLUBE

1. Dados de Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Local de Nascimento:

Local de Residência:

Profissão:

Escolaridade:

2. Sobre o Futebol

2.1 Sobre o futebol em sua vida

- a) Como começou sua relação com o futebol, desde sua infância?
- b) Quais e como foram suas relações com o futebol, ao longo de sua vida? Torcedor, jogador, espectador, treinador...
- c) Qual a participação que o futebol teve e tem no seu cotidiano?

2.2 Sobre o Futebol de Veteranos

- a) Como iniciou sua participação no futebol de veteranos?
- b) O que o futebol de veteranos representa na tua vida hoje?
- c) O que diferencia o jogo de futebol de veteranos dos outros jogos de futebol?
- d) Qual a demanda que o futebol de veteranos exige em sua vida como presidente do Cassino F.C. e também como jogador do mesmo clube? compromissos, tempo...
- e) Fora do Cassino F.C. tens outras atividades relacionadas ao futebol?
- f) Qual o teu envolvimento com a liga de veteranos na gestão atual?

- g) Qual a visão geral que tu tens sobre o futebol de veteranos na cidade do Rio Grande? Organização, competitividade...
- h) Como acha que deveria ser o futebol de veteranos na cidade? O que gostaria de mudar?
- i) Qual a diferença entre o campeonato da LVRG e o campeonato de verão organizado pelo Cassino?

2.3 Sobre o Cassino Futebol Clube

- a) Qual tua ligação com a equipe do Cassino F.C.? Já atuou em outras equipes?
- b) Porque decidiu se tornar presidente do Cassino F.C.?
- c) Quais atividades acontecem em torno do futebol de veteranos dentro do Cassino F.C.?
- d) Qual a diferença que sentes em relação aos compromissos de trabalho e aos do Cassino F.C.?
- e) Como é a administração do Clube como presidente? Como se dá a manutenção financeira do clube? Como os associados e os jogadores participam?
- f) Algum jogador recebe dinheiro para jogar no Cassino F.C.? Qual a sua opinião sobre o pagamento de jogadores no futebol de veteranos?
- g) Porque o Cassino F.C. passou a organização do campeonato máster para a LVRG á 3 anos atrás? Como era antes?

10. ANEXOS

8.1 FICHA DE INSCRIÇÃO DO CLUBE

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE

Fundada em 14/02/1995 – Sede Própria Junto ao Ginásio da Praça Saraiva-Av. Pelotas, s/nº.
Presidente – Carlos Reni P. Dias –2009/2010 – Fone: 3233 6413 – 8431 3474 – 9971 2732

Campeonato de Máster – 50 Anos – 2011.

FICHA DE INSCRIÇÃO DO CLUBE

O Clube abaixo discriminado e assinado, vem por meio desta solicitar sua inscrição para participar do campeonato na categoria de Veteranos / 40 Anos no transcorrer de 2011, obedecendo as regras do regimento Interno da Entidade Promotora assim como o Regulamento da Liga de Veteranos do Rio Grande, no Ano Esportivo.

Dados do Clube:

Nome: _____
Fundação: ____/____/_____
Cores Padrão: _____
Endereço da Sede : _____ nº _____
Bairro: _____ Cep: _____
Endereço do Mando de Campo: _____
(Caso o mando de campo seja empréstimo, anexar autorização de empréstimo)
Telefones de Contato: _____

Dados da Diretoria:

Presidente: _____ Fone: _____
Endereço: _____ nº _____
Vice-Presidente: _____ Fone: _____
Tesoureiro: _____ Fone: _____
Secretário: _____ Fone: _____
Treinador: _____ Fone: _____
(O clube deverá sempre informar a entidade a troca de seu treinador)

Representantes Junto a Liga de Veteranos:

(somente os aqui relacionados terão poder de decisão na Entidade e JDD)

01- _____ Fone: _____
02- _____ Fone: _____
03- _____ Fone: _____

Rio Grande, 22 de Março de 2011.

(Carimbo e Assinatura do Clube)

Obs: Acompanhar cópia da última ata de posse da Diretoria eleita.

8.2 FICHA DE INSCRIÇÃO DA EQUIPE

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE - INSCRIÇÃO DO MÁSTER PARA - 2011

Nome do Clube: _____

Fundação: ___ / ___ / ___

Nº	Nome dos Atletas	Nascimento	Identidade	Inscrição	Clube	Assinatura dos Atletas
01		/ /				
02		/ /				
03		/ /				
04		/ /				
05		/ /				
06		/ /				
07		/ /				
08		/ /				
09		/ /				
10		/ /				
11		/ /				
12		/ /				
13		/ /				
14		/ /				
15		/ /				
16		/ /				
17		/ /				
18		/ /				
19		/ /				
20		/ /				

*Válida somente datilografada, Manuscrita em letra de forma ou impressa sem alterações do conteúdo e assinada pelo atleta(assinatura idêntica da ficha do atleta).

8.3 FICHA DE FILIAÇÃO DO ATLETA (FICHA ÚNICA)



LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE

L.V.R.G. - Fundada em 14.02.1995
Sede Própria - Av. Pelotas s/nº (junto ao Ginásio da Praça Saraiva)

Nome: _____



Data do Nascimento: _____ / _____ / _____

Identidade: _____

Modalidade: _____

Ass. do Atleta: _____

Válida somente com a liberação da Entidade

N.º _____

Visto da Entidade

8.6 PAUTA DE CONVOCAÇÃO DOS PROCESSOS PARA JULGAMENTO
(EXEMPLO)

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE

Fundada em 14/02/1995 – Sede Própria Junto ao Ginásio da Praça Saraiva-Av. Pelotas, s/nº.
Carlos Reni P. Dias – Presidente – 2009/2010 – Fone: 3231 6322 – 3235 1032 – 3236 54 52 – 9971 2732

Campeonato de veteranos – 40 Anos – 2010.

Vimos por meio desta encaminhar a Liga de Veteranos do Rio Grande os processos abaixo relacionados, contendo as referidas denúncias encontradas em súmulas de atletas, dirigentes e ou clubes, relatadas pelos árbitros em suas anotações, ou processos administrativos em Geral.

Pauta da Convocação dos Processos para Julgamento:

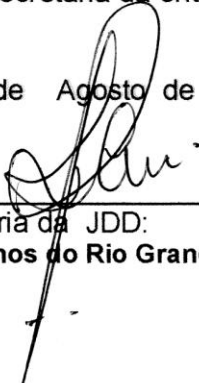
Data para Julgamento: __ 27 __ / __ Agosto __ / __ 2010

Horário do Julgamento: __ 19 __ : __ 30 __ hs.

Proces	Inscri.	Denunciado:	Clube:	Enquadramento:
049	671	Antonio Carlos Rolim Melo	Cassino F.C.	276 do CBJD
050	458	Marco Antonio Silveira Farias	SR E Camponêz	253 do CBJD
051	799	Adilson dos Santos Maidana	Palmeira F. C.	250 do CBJD
052	416	Miguel Arcanjo Saraiva	A.F.C. Mirim	250 do CBJD
053	863	Wagner Vasconcellos Porto	U. E. V R B	254 do CBJD
054	651	Jorge Augusto Dias Alves	SR E Camponêz	253 c/157 III do CBJD
055	653	Marco Aurélio Valente Gonçalves	Palmeira F. C.	250 do CBJD
056	820	Juarez Nunes de Oliveira	SER Zodiaco	257 do CBJD
000				
000				
000				
000				
000				
000				
000				
000				
000				

Sem mais, cumpra-se e registra-se na secretaria da entidade promotora.

Rio Grande, 24 de Agosto de 2010.


Secretaria da JDD:
Liga de Veteranos do Rio Grande.

8.7 CARNÊ DE DISTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NAS DIFERENTES FASES
(EXEMPLO)

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE

Fundada em 14 de Fevereiro de 1995 – Sede Própria Junto ao Ginásio da Praça Saraiva – Av. Pelotas s/nº.
Carlos Reni Dias: Presidente: (2009 / 2010) – Telefones: 0xx53 3233 6413 - 3236 5452 - (53) 9971 2732 – 8431 3474.

CAMPEONATO DE VETERANOS - 40 ANOS - 2010

CARNÊ DA SEGUNDA FASE

Primeiro Jogo Em: 23/10/2010

P	C	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	C	P
	8º	1	Palmeira Futebol Clube		X	A F C Mirim	1	1º	
	7º	2	E C Santo Antônio		X	A R Pirtiny F C	2	2º	
	6º	3	S R E Camponêz		X	Real Nortense F C	3	3º	
	5º	4	A E Santa Bárbara		X	S E R Zodíaco	4	4º	

Segundo Jogo Em: 30/10/2010

P	C	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	C	P
	1º	1	A F C Mirim		X	Palmeira Futebol Clube	1	8º	
	2º	2	A R Pirtiny F C		X	E C Santo Antônio	2	7º	
	3º	3	Real Nortense F C		X	S R E Camponêz	3	6º	
	4º	4	S E R Zodíaco		X	A E Santa Bárbara	4	5º	

CARNÊ DA SEMI-FINAL

Primeiro Jogo Em: 06/11/2010

P	V	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	V	P
		5			X		5		
		6			X		6		

Segundo Jogo Em: 13/11/2010

P	V	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	V	P
		7			X		7		
		8			X		8		

CARNÊ DA FINAL

Primeiro Jogo Em: 20/11/2010

P	V	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	V	P
		9			X		9		

Segundo Jogo Em: 27/11/2010

P	V	J	CLUBE	G	G	CLUBE	J	V	P
		10			X		10		

CAMPEÃO: _____ VICE-CAMPEÃO: _____
3º Lugar: _____ 4º Lugar: _____
Goleiro: _____ Goleador: _____ Troféu Disciplina: _____

P – Pontos C – Classificação J – Jogo V – Vencedor G – Golos

ESPORTE É SAÚDE, ESPORTE É VIDA!

8.8 TABELAS DE CLASSIFICAÇÃO (EXEMPLO)

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE

Fundada em: 14 / 02 / 1995 – Sede Própria Junto ao Ginásio da Praça Saraiva – Av. Pelotas s/n °.
 Presidente: 2009 / 2010 Carlos Reni Dias – Telefones: 53 3233 6413 - 53 3236 5452 - 53 9971 2732

CAMPEONATO DE VETERANOS - 40 ANOS - 2010

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO

14ª RODADA DA PRIMEIRA FASE

14 / 08 / 2010

	Nome dos Clubes	PG	JG	VT	EP	DR	GP	GC	SG	Ap%
1º	A F C Mirim	34	14	11	1	2	36	15	21	81,0
2º	A E Santa Bárbara	27	14	8	3	3	26	16	10	64,3
3º	A R Piratiny F C	26	14	8	2	4	40	30	10	62,0
4º	Real Nortense F. C.	26	14	8	2	4	30	18	11	62,0
5º	S E R Zodíaco	24	14	7	3	4	22	25	- 3	57,2
6º	S R E Camponêz	19	14	5	4	5	27	23	4	45,3
7º	Cassino F C	19	14	5	4	5	22	22	0	45,3
8º	E C Santo Antônio	18	14	5	3	6	24	34	- 10	42,9
9º	U E Villarreal	15	14	4	3	7	15	22	- 7	35,8
10º	G E Nacional	13	14	4	1	9	24	33	- 9	31,0
11º	Palmeira F C	12	14	3	3	8	35	43	- 8	28,6
12º	U E V R B	4	14	1	1	12	17	34	- 17	9,6

CRITÉRIOS DE DESEMPATE

- A) MAIOR NÚMERO DE VITÓRIAS
- B) ÚLTIMO CONFRONTO DIRETO
- C) MELHOR SALDO DE GOL
- D) MENOR NÚMERO DE GOL SOFRIDO
- E) MAIOR NÚMERO DE GOL MARCADO
- F) GOL QUALIFICADO
- G) JOGO EXTRA EM CAMPO NEUTRO (dos participantes)

Atualizada em: 17 / 08 / 2010 Às 12h

8.9 FOLDER DE DIVULGAÇÃO DA MODALIDADE “FUTEBOL FITNESS”

APROVADO POR QUEM ENTENDE DO ASSUNTO



“Sou Luiz Crescente, médico do S. C. Internacional e orientador da especialização em Exercício Físico Terapêutico da Prof.^a Daniela. O treinamento Futebol Fitness é um método inovador, seguro e eficaz para os praticantes de futebol amador; uma oportunidade para viverem um pouco da realidade do futebol profissional, onde preparação física é a base do rendimento e segurança no jogo. A qualidade dos professores e o perfil da academia garantem a segurança e saúde dos praticantes. Portanto, eu recomendo.”

Dr. Luiz Antônio Crescente - médico do Sport Club Internacional

Trabalhei com o prof. Taimar no ano de 2009, no campeonato gaúcho no

São José de Porto Alegre! Naquele momento eu estava completando 35 anos de idade, para muitos dentro do futebol considerado um jogador velho. Mas tive um trabalho diferenciado e orientado pelo professor Taimar, desde a parte física (trabalhos de campo e academia) como também um trabalho de recuperação após jogos. Eu me sentia muito bem fisicamente, prova disso foram os números dentro de campo, foi minha melhor média de gols em um único campeonato, foram 14 jogos e 13 gols marcados disputando com o Taison, até o final, o título de goleador, mesmo o Taison tendo jogado mais jogos. Com 35 anos pude perceber que com um bom método de trabalho se pode conseguir ótimos resultados. Sou muito grato ao professor e amigo Taimar pelo seu trabalho diferenciado e pelo sucesso alcançado. Abraço do amigo Sandro Sotilli.

Sandro Sotilli - Atleta profissional, goleador do Campeonato Gaúcho em várias edições.



O professor Taimar é uma pessoa de grande caráter além de um profissional competente e dedicado. O seu conceito de treinamento desportivo é embasado no que há de mais atual no mundo científico, aliando, como poucos, teoria e prática.

Felipe Célia - Prof. Educação Física, Mestre em Fisiologia (Espanha), Ex-fisiologista S.C. Internacional, Grêmio e Juventude.

Trabalhamos juntos desde 2007 em vários clubes, com excelentes resultados e percebo que ele tem um conhecimento muito grande na área de fisiologia e principalmente trabalho de força, que hoje no futebol é fundamental para que se obtenha sucesso na modalidade. Já trabalhei com vários preparadores físicos, mas não vejo hoje profissional de tamanha capacidade de fazer os atletas acreditarem na convicção de seus ensinamentos, principalmente na que se refere a integração físico/técnica.

André Luiz - Ex zagueiro do Internacional / Tricampeão brasileiro invicto Medalha de prata nas olimpíadas / Maior goleador do setor defensivo da história do Internacional / Técnico de futebol com passagem por Arábia Saudita, RS e SP.



FUTEBOL FITNESS

Uma modalidade inovadora, trazendo os amantes do futebol para dentro da academia!

TREINO DOS FUNDAMENTOS TÉCNICOS
(condução, passe, drible), COM BOLA

ESPAÇO E EQUIPAMENTOS ADEQUADOS

AVALIAÇÕES PERIÓDICAS DOS OBJETIVOS

ACADEMIA MUNDO FITNESS
Bairro Bolaxa – Rio Grande – RS
Fone: 3236.3003

para você... atleta de fim de semana, atleta amador, simpatizante do futebol e todas as pessoas que admiram o futebol e nunca participaram de um **TREINAMENTO SISTEMATIZADO** prepare-se...

A Academia Mundo Fitness lança com pioneirismo

FUTEBOL FITNESS

Uma modalidade de academia voltada ao treino de futebol!

Tudo o que você precisa para jogar seu futebol com segurança e saúde!

FORÇA - POTÊNCIA - VELOCIDADE
EQUILÍBRIO - AGILIDADE - FLEXIBILIDADE
PROTEÇÃO ARTICULAR - RESISTÊNCIA AERÓBICA.

Acompanhamento de profissional especialista em Treinamento Desportivo e Fisiologia do Exercício com extensa experiência na preparação física de atletas em clubes profissionais.

Prof. Esp. Taimar Marinho
Resp. Técnica pela academia:
Prof.^a Esp. Daniela Stern